

SIDEREUM ANA III
El río Guadiana y Tartessos

Javier Jiménez Ávila (ed.)



Serie Compacta 1

SERIE COMPACTA
(*Compendia et Acta*)

1

SIDEREUM ANA III
El río Guadiana y Tartessos

JAVIER JIMÉNEZ ÁVILA
(ed.)

SIDEREUM ANA III: el río Guadiana y Tartessos : [actas de la reunión científica] / Javier Jiménez Ávila, ed. – Mérida: Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica, 2017. – 630 p. : il. ; 30 cm
(Serie compacta. Compendia et Acta ; 1)

ISBN 978-84-697-4788-9

1. Excavaciones (Arqueología)–España–Guadiana, Cuenca del–Congresos. 2. Guadiana, Cuenca del (España)–Historia–Hasta 0218 A. J.C. (Período prerromano)–Congresos. 3. Guadiana, Cuenca del (España)–Antigüedades–Congresos. 4. Tartessos (Reino)–Congresos. I. Jiménez, Ávila, F. Javier, ed. lit. II. Subtit. : El río Guadiana y Tartessos. III. Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida, ed. IV. Col.
902(460-15)“637”(063)
904(460-15)“637”(063)

Este libro contiene las actas de la reunión científica “Sidereum Ana III, El río Guadiana y Tartessos”, celebrada en Mérida en septiembre de 2012 y realizada en el marco del proyecto *Prehistoria del Territorio de Mérida a través de la Colección Comarcal* (PRI09A154) financiado por la Junta de Extremadura dentro del III Plan Regional de Investigación, Desarrollo e Innovación.

Portada: Fragmento de plato de cerámica griega (s. VI a.C.) procedente de El Cuco, Guadajira (Badajoz). Foto V. Novillo.

© Consorcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida.

© de los textos: los autores.

Diseño y maquetación: Juan Carlos Conde.

Impresión: Imprenta Rayego, S.L.

ISBN: 978-84-697-4788-9

Depósito Legal: BA-000321-2017

Impreso en España. Printed in Spain.

SUMARIO

Presentación. Sidereum Ana: diez años de encuentros transfronterizos y arqueológicos Javier Jiménez Ávila.....	9
La Anficiónía Tartesia orientalizante Martín Almagro-Gorbea – Alfredo Mederos Martín – Mariano Torres Ortiz.....	15
El Alto Guadiana entre los siglos VIII y VI a.C. Novedades estratigráficas en el área 4 de <i>Sisapo</i> – La Bienvenida (Almodóvar del Campo, Ciudad Real) Mar Zarzalejos Prieto – Germán Esteban Borrajo – Patricia Hevia Gómez	39
Ancha es Tartessos. El Periodo Orientalizante (siglos VIII-VI a.C.) en el tramo extremeño del Guadiana Javier Jiménez Ávila.....	69
La ocupación orientalizante de la Escuela de Hostelería de Mérida Javier Jiménez Ávila – Francisco Javier Heras Mora.....	107
Povoamento “orientalizante” na margem esquerda do Guadiana Uma leitura a partir do Passo Alto e do Castelo de Serpa Ana Sofia Antunes – António M. Monge Soares – Manuela de Deus – Rui M. Soares.....	131
Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3: Contextos de Planície da I Idade do Ferro do Alentejo Interior Ana Sofia Antunes – Manuela de Deus – Susana Estrela – Javier Larrazabal António M. Monge Soares – Rosa M. Salvador Mateos	159
A necrópole da Vinha das Calças (Beja, Portugal) Ana Margarida Arruda – Rui Barbosa – Francisco Gomes – Elisa de Sousa	187
A necrópole de Palhais (Beringel, Beja) Filipe J.C. Santos – Ana Sofia Antunes – Manuela de Deus – Carolina Grilo.....	227
A necrópole da I Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (São Brissos, Beja) Rui M. Soares – Lúcia Baptista – Rui Pinheiro – Lurdes Oliveira – Zélia Rodrigues – Nelson Vale.....	263
Alentejo, a Sul de Beja: a necrópole sidérica da Quinta do Estácio 6 Tiago do Pereiro – Rui Mataloto – Nelson Borges	303
A paisagem funerária a Oeste de Beja no Período Orientalizante: as necrópoles de Carlota (São Brissos) e Cinco Reis 8 (Santiago Maior) Rosa M. Salvador Mateos – José António Pereira.....	333

Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja	
Margarida Figueiredo – Rui Mataloto	353
La Sepultura 38 de Quinta do Castelo 5 (Salvada, Beja). Nota preliminar	
Ever Calvo Rodriguez – Patricia Simão	399
A necrópole de Pisões (Beja)	
Patrícia Bargão – Dulce Fernandes	407
O Cabeço Redondo (Moura).	
Um edifício monumental e singular na margem esquerda do Guadiana	
Rui Monge Soares – António M. Monge Soares	421
Castro Marim entre indígenas, Fenícios e Tartéssicos	
Ana Margarida Arruda – Carlos Filipe de Oliveira – Vera Teixeira de Freitas	443
Primer avance sobre el asentamiento fenicio de Ayamonte (Huelva)	
Juan Aurelio Pérez Macías – Benjamín Cabaco Encinas – Elisabet García Teyssandier	467
El descubrimiento de la necrópolis fenicia de Ayamonte, Huelva (siglos VIII–VII a.C.)	
Elisabet García Teyssandier – Dirce Marzoli – Benjamín Cabaco Encinas Bärbel Heußner – Ingrid Gamer-Wallert	493
La orientalización de Huelva (siglos VIII–VI a.C.)	
Francisco Gómez Toscano	531
Una vivienda rural orientalizante en la <i>chora</i> de la Huelva “tartésica”: el fondo de cabaña 577 de La Orden-Seminario	
Cristina López Cabot – Juan Carlos Vera-Rodríguez	557
Nuevos datos sobre la Huelva tartésica. La excavación arqueológica de la calle Concepción 3	
Marcos García Fernández	579
Tradição indígena e orientalizante na metalurgia do bronze da bacia do Guadiana entre os séculos VIII e VI a.C.	
Pedro Valério – António M. Monge Soares – Maria Fátima Araújo – Rui J.C. Silva	605
Conclusiones – Conclusões	
Paolo Bernardini – Rui Mataloto – Juan Pereira Sieso – Sabah Walid Sbeinati	617
Relación de autores.....	625



POVOAMENTO “ORIENTALIZANTE” NA MARGEM ESQUERDA DO GUADIANA. UMA LEITURA A PARTIR DO PASSO ALTO E DO CASTELO DE SERPA

Ana Sofia ANTUNES
(Câmara Municipal de Serpa)

António M. MONGE SOARES
(Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares C2TN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa)

Manuela de DEUS
(Direção Regional de Cultura do Alentejo, Extensão de Castro Verde)

Rui MONGE SOARES
(UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

RESUMO

Nos trabalhos arqueológicos realizados nos últimos anos nos povoados do Passo Alto e do Castelo de Serpa identificou-se um conjunto de testemunhos que possibilitam discutir a questão do influxo orientalizante na margem esquerda portuguesa do Guadiana. No Passo Alto, após uma fase do Bronze Final que terminará no final do século VIII a.C., regista-se uma ocupação da I Idade do Ferro, situada no século VI a.C., testemunhada por construções de planta ortogonal e por cerâmica cinzenta e vasos decorados com dedadas, mamilos verticais e incisões. No Castelo de Serpa foi identificada uma estrutura negativa, de secção em V, escavada na rocha, interpretada como fosso, possivelmente construída no Bronze Final, em cujos depósitos de colmatação se recolheram cerâmicas importadas e de produção local que permitem ponderar que o local estava ocupado, pelo menos, no século VI a.C., tendo o fosso sido selado, porventura no final desta centúria ou no início da seguinte, para dar lugar a uma nova fase construtiva.

ABSTRACT

Some evidence recorded during the archaeological excavations carried out in the settlements of Passo Alto and Castelo de Serpa allows us to discuss the Orientalizing influx in the portuguese left bank of the Guadiana river. After the Late Bronze Age occupation of Passo Alto, that ends at the end of the 8th century BC, an Iron Age occupation was also recorded, ascribed to the 6th century BC and attested by orthogonal constructions, grey ware and decorated pottery with finger impressions, vertical nipples and incisions. In Castelo de Serpa, a negative structure was identified and interpreted as a ditch, with a V section, dug in the rock, possibly built during the Late Bronze Age. Imported and locally produced pottery was collected in filling sediments, allowing to think that the settlement was occupied, at least, in the 6th century BC and the ditch was already sealed at the end of this century or at the beginning of the following, giving place to a new constructive phase.

SIDEREUM ANA III

El río Guadiana y Tartessos

JAVIER JIMÉNEZ ÁVILA (ed.)

Publicaciones del Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida

Serie Compacta (Compendia et Acta) n.º 1. Mérida 2016

pp. 151-157



INTRODUÇÃO

Os povoados do Passo Alto e do Castelo de Serpa (concelho de Serpa) implantam-se na peneplânie do Baixo Alentejo, embora o primeiro se insira numa zona de relevo encaixado (o rebordo norte da designada Serra de Serpa) e o segundo numa área aplanada, com suaves ondulações. Beneficiam da bacia hidrográfica do rio Guadiana, inserindo-se na margem esquerda do segmento inferior do troço médio deste rio (Fig. 1). Apesar de serem tardios dentro da cronologia que se associa usualmente ao designado Período Orientalizante em outras áreas peninsulares, os testemunhos destes povoados não deixam, no entanto, de ser relevantes. Desde logo, permitem compor um pouco mais o cenário regional da I Idade do Ferro, em particular ao nível do povoamento, apesar de ser ainda totalmente prematuro procurar alcançar o esquema que lhe está subjacente. Por outro lado, possibilitam discutir a

questão da influência orientalizante e/ou tartéssica no interior do Alentejo, que se apresenta muito mais ténue do que nas áreas litorais e que se encontra incorporada num processo que é lento e não necessariamente linear, mas no qual as comunidades indígenas adquirem um notório protagonismo.

1. PASSO ALTO

O Passo Alto (Vila Verde de Ficalho) é um povoado localizado na confluência da Ribeira do Vidigão com o Rio Chança, afluente do Guadiana (Fig. 2). Um de nós tem coordenado diversas campanhas de escavação arqueológica programada neste sítio, entre 1984 e 1987¹ e, mais recentemente, entre 2006 e 2009.

¹ Soares 2003; 2005.

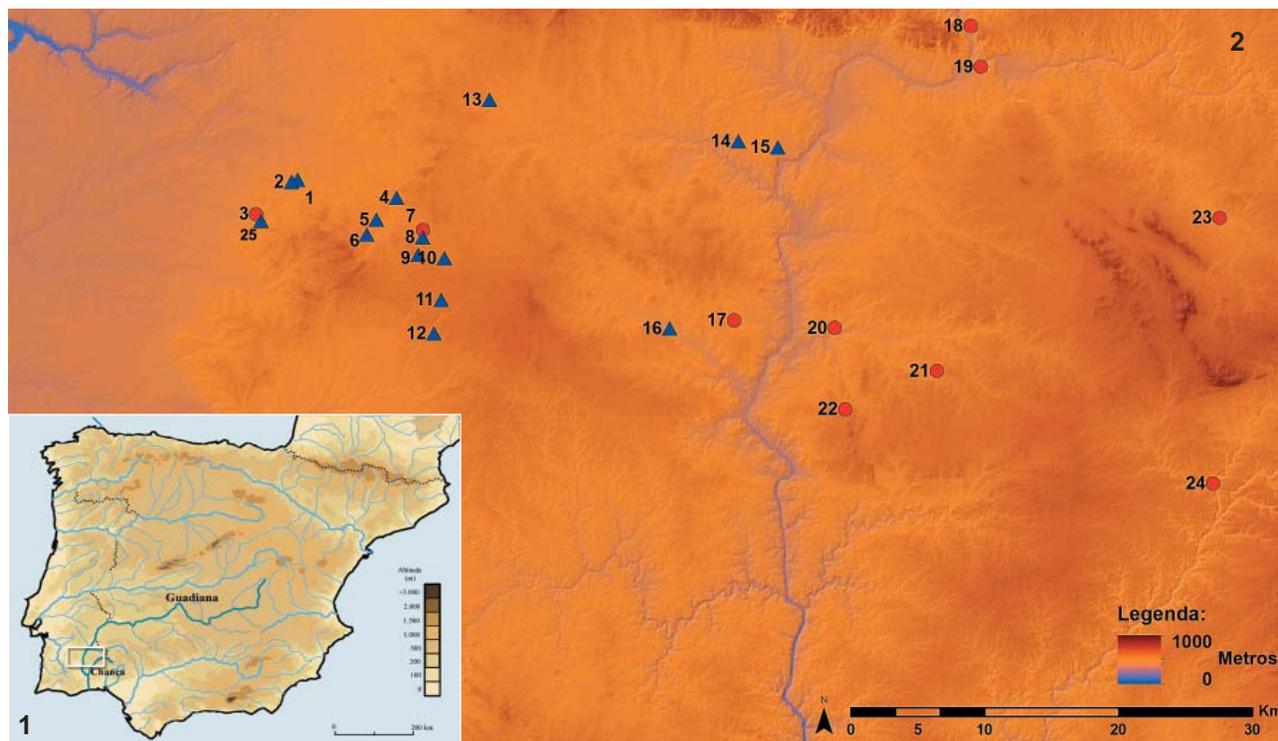


Fig. 1.— 1. Localização da área em estudo na Península Ibérica. 2. Mapa da peneplânie de Beja, em ambas as margens do Guadiana, com a localização de sítios da I Idade do Ferro. Círculos: sítios de habitat. Triângulos: necrópoles. 1. Pardieiro; 2. Poço da Gontinha; 3. Monte do Pombal 2; 4. Vinha das Calças; 5. Palhais; 6. Monte do Marquês 7; 7. Monte do Bolor 3; 8. Monte do Bolor 1; 9. Carlota; 10. Monte do Arcediago 1; 11. Cinco Reis 8; 12. Pisões; 13. Xancra; 14. Fareleira 3; 15. Poço Novo 1; 16. Herdade das Carretas; 17. Folha do Ranjão; 18. Castro dos Ratinhos; 19. Azougada; 20. Salsa 3; 21. Torre Velha 3; 22. Castelo de Serpa; 23. Cabeço Redondo; 24. Passo Alto; 25. Monte do Pombal 1 (agradece-se a Pedro Barros a elaboração deste mapa).



Fig. 2.— Passo Alto. 1. Vista de enquadramento; 2. Levantamento topográfico com implantação dos núcleos A (Bronze Final) e B (Bronze Final e Idade do Ferro) e da área intervencionada.

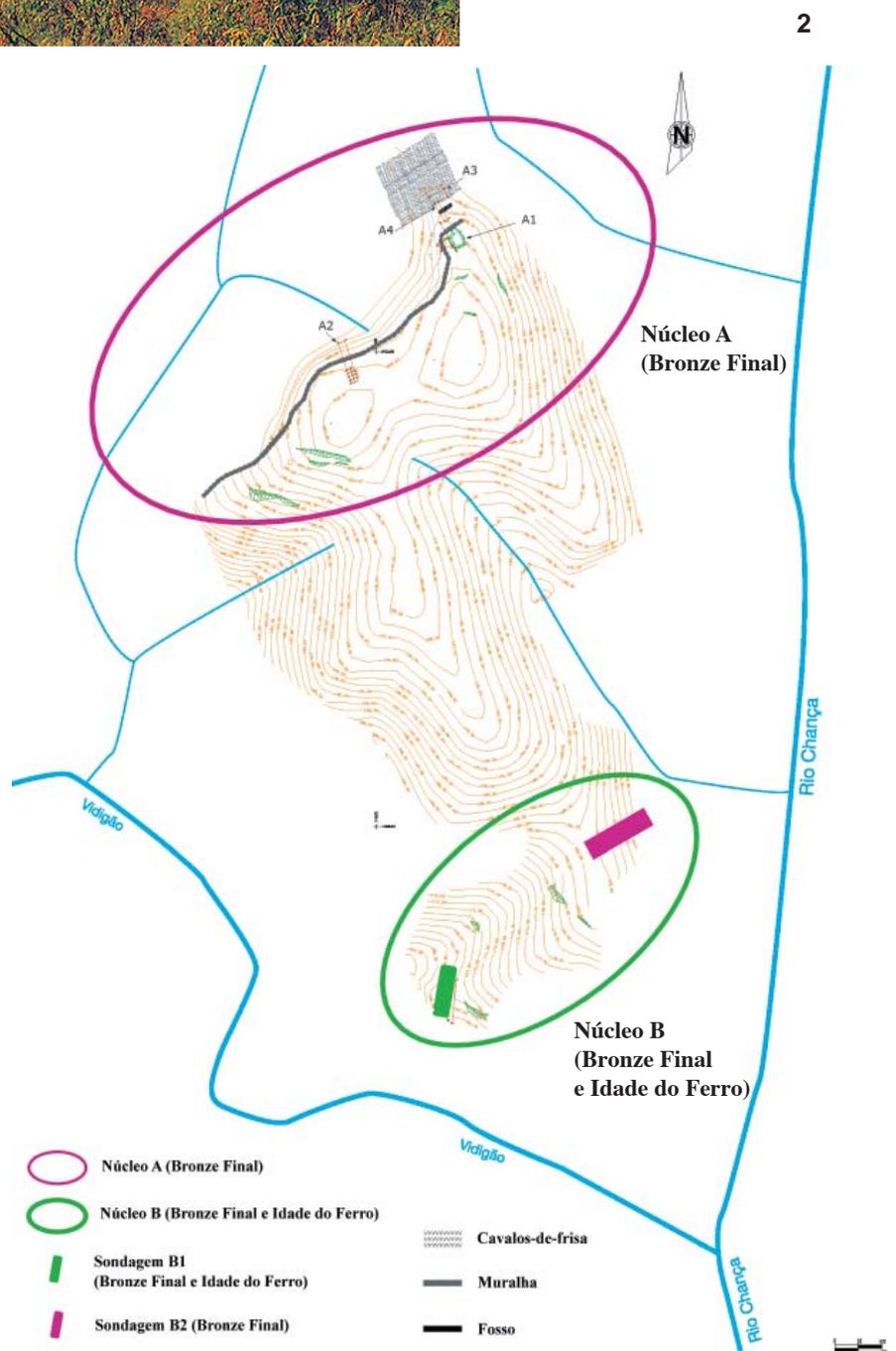




Fig. 3.— Passo Alto. Núcleo B. 1. Compartimento A; 2. Compartimentos B e C; 3. Duas estruturas pétreas circulares (ou uma em forma de oito) de funcionalidade desconhecida; 4. Enrocamento (base ou nivelamento) do compartimento F; 5. Compartimento E e enrocamento ao longo dos compartimentos E e G.

A ocupação mais antiga do Passo Alto enquadra-se no Bronze Final, destacando-se um complexo sistema defensivo que integrava “cavalos-de-frisa” e um fosso de pequena dimensão, com perfil em U, com cerca de 2,5 m de largura por 0,5 m de profundidade, os quais antecediam uma muralha cuja construção deverá ser anterior ao final do século IX a.C.² No extremo oposto da área forti-

² Díaz-Martínez *et al.* 2005; Soares 2003; 2007; Soares *et al.* 2012.

ficada, a 250 m de distância, marca presença um núcleo com cariz habitacional mais pronunciado, que se espraia pelo topo e pelas encostas leste e oeste da colina entalhada entre a Ribeira do Chança e a Ribeira do Vidigão (Fig. 2.2). As recolhas de superfície e as sondagens efetuadas na encosta leste (ainda inéditas) proporcionaram um conjunto artefactual enquadrado no Bronze Final, nomeadamente taças carenadas, cerâmica de ornatos brunidos e recipientes com grandes pegas mamilares.

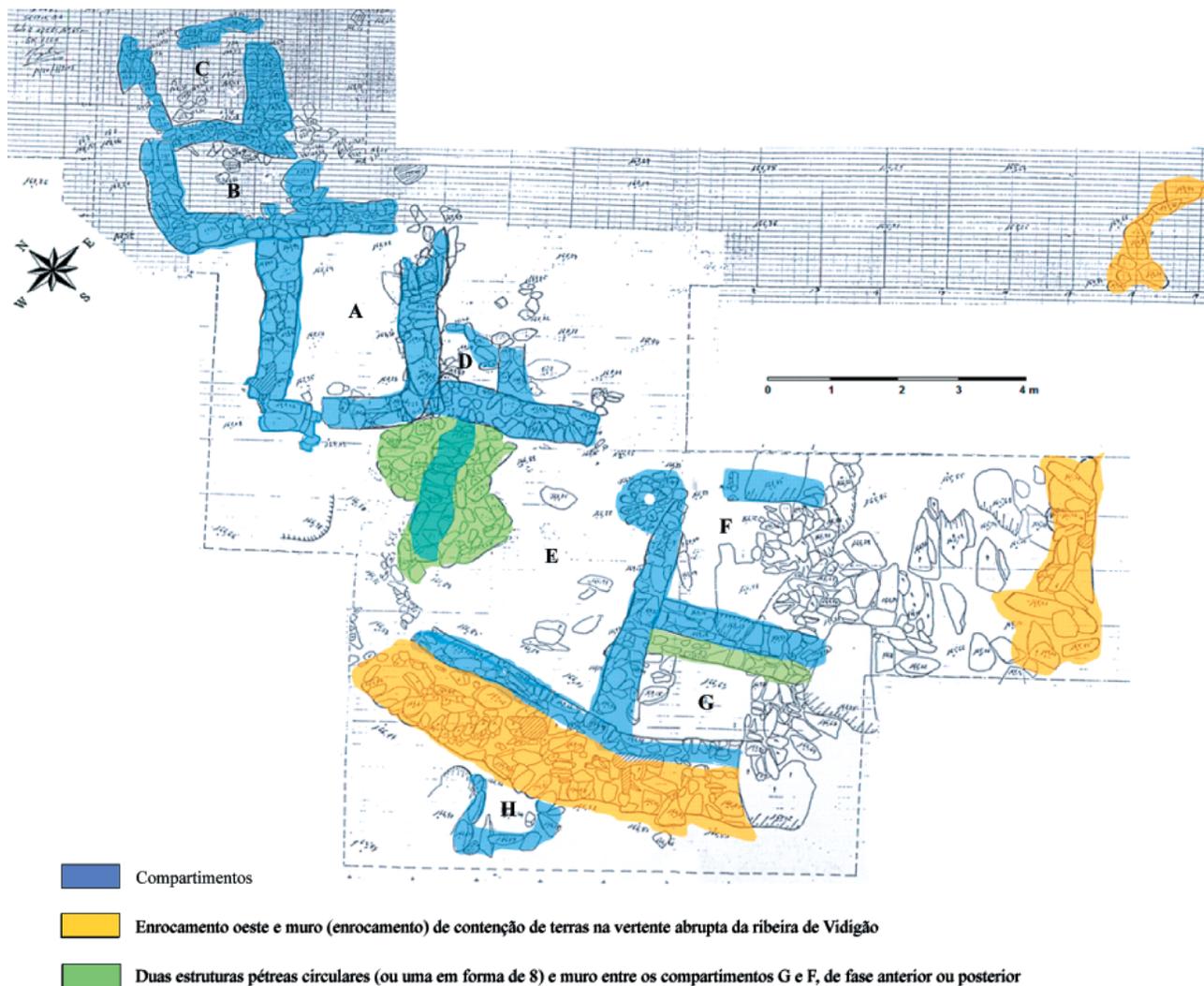


Fig. 4.— Passo Alto. Planta final do Sector B1 (ocupação sidérica).

Um conjunto artefactual idêntico foi também recolhido na encosta oeste, embora aqui não seja exclusivo, dado que, nesta zona, se identificaram a partir de 2006 estruturas habitacionais enquadradas na I Idade do Ferro, que se sobrepõem a outras do Bronze Final.³

Nesta encosta foi inicialmente aberta uma sondagem numa pequena plataforma que se encontrava delimitada a sul por um muro, já muito desconjuntado, que a separa da zona mais íngreme, e onde se podia observar uma lage de xisto colocada de cutelo e alguns alinhamentos de pedras. Nessa sondagem foi colocado a descoberto o Compartimento A (Fig. 3.1), de planta rectangular, pelo que, nas campanhas seguintes se procedeu ao alargamento em área da intervenção, tendo-se detectado mais seis compartimentos (Fig. 3.2). De um modo geral,

os muros apresentam um aspecto muito frágil, sendo constituídos por pedra seca de pequena e média dimensão, observando-se que terão tido reparações frequentes, como no caso da referida lage colocada de cutelo, que integra o muro sudeste do Compartimento A, mas que parece também estruturar um buraco de poste, o que se atribuirá a uma reconstrução/reparação desse muro e revela um segundo momento de utilização do Compartimento A.⁴

Considera-se o espaço identificado com a letra D como um pequeno compartimento, devido ao facto de nele ter sido recolhida uma grande quantidade de cerâmica, o que contrastava com a sua menor abundância na envolvente imediata, demonstrando bem estes exemplos a dificuldade de definição de estruturas e de espaços estruturados neste tipo de sítio arqueológico. Encontra-se

³ Soares *et al.* 2009: 545.

⁴ Soares *et al.* 2009: 546.



Fig. 5.— Passo Alto. Conta de chumbo.

bem definida a entrada do Compartimento E,⁵ que é o de maior dimensão, localizada no seu canto este. Aqui pode observar-se um buraco de poste estruturado, onde se deveria inserir o eixo de uma porta e cujo batente é constituído por uma laje de xisto colocada de cutelo, a norte. O muro oeste do Compartimento E, bem como o do Compartimento G, encontram-se adossados a uma estrutura bastante espessa, que deverá corresponder a um enrocamento pétreo utilizado para contenção de terras nesta área, que se apresenta já algo declivosa (Fig. 3.3). O muro este do Compartimento G parece duplo, mas corresponderá antes a dois momentos da sua utilização. O limite sul dos Compartimentos G e F já não é reconhecível, uma vez que existe aí um socalco natural do terreno, que foi preenchido por um enrocamento pétreo e que, actualmente, se encontra já muito desconjuntado devido à inclinação da encosta. Identificou-se ainda um pequeno círculo de pedras, designado por Compartimento H, o qual se encontrava adossado ao enrocamento pétreo que acompanha os muros oeste dos compartimentos E e G, mas cuja função não é possível definir com os dados disponíveis.⁶

A planta deste conjunto de compartimentos, retangulares, de pequena dimensão (Fig. 4), é semelhante a outras já registadas e investigadas no Alto Alentejo com cronologias diversas que podem ir do designado Período Orientalizante até ao final da Primeira Idade do Ferro,⁷ distinguindo-se, no entanto, a implantação do *habitat* do Passo Alto, uma vez que esta se insere numa plataforma escondida e com deficiente visibilidade para a região envolvente,⁸ o que não acontece com as do Alto Alentejo.

⁵ Este Compartimento E sobrepõe-se a grande cabana de planta circular (ainda inédita) do Bronze Final.

⁶ Soares *et al.* 2009: 546.

⁷ Mataloto 2004a; 2005; 2008; Calado e Mataloto 2008.

⁸ Soares *et al.* 2009.

O conjunto artefactual recolhido é numeroso e constituído essencialmente por cerâmica. A total ausência de fauna e de artefactos metálicos, com a excepção de uma pequena conta tubular feita de uma folha enrolada de chumbo (Fig. 5), poderá explicar-se pela acidez do terreno inserido em substrato xistoso. Esta conta tubular foi analisada por fluorescência de raios-X, dispersiva de energias, no ex-ITN (Instituto Tecnológico e Nuclear), identificando-se o metal como chumbo.⁹ Foram recolhidos alguns artefactos de pedra, designadamente fragmentos de dormentes de granito, um instrumento de pedra polida (rocha siliciosa) utilizado como percutor e seixos rolados que também terão servido como percutores. Um dos dormentes, o instrumento de pedra polida e um percutor foram recolhidos no Compartimento A e assentavam sobre a rocha virgem, que parece ter constituído o chão desse compartimento na maior parte da sua área.¹⁰

Embora a maioria da cerâmica seja atribuível à ocupação da Idade do Ferro, foi também recolhida alguma cerâmica integrável no Bronze Final. Em geral, a cerâmica pertencente a estes dois períodos cronológicos distingue-se macroscopicamente entre si, acusando a cerâmica da Idade do Ferro, normalmente, uma cozedura oxidante e sendo friável ou mesmo muito friável, enquanto que no Bronze Final se destacam as cozeduras reductoras e as pastas duras, com superfícies muito bem alisadas, polidas ou brunidas. Foi realizado um estudo analítico das cerâmicas de produção local/regional das ocupações do Bronze Final e da Idade do Ferro do Passo Alto centrado na caracterização da composição dos artefactos cerâmicos e das técnicas de produção neles utilizadas, de forma a perceber as diferenças que permitissem discriminar as duas ocupações. A análise arqueométrica das pastas revelou processos de tratamento diferentes e origens também diferentes, embora locais, o que significa que as argilas utilizadas numa e noutra época provinham de barreiros diferentes, ainda que situados em área de xistos (muito provavelmente localizados na vizinhança do Passo Alto). De igual modo, a tecnologia empregue também seria diferente, o que explica as diferentes texturas das pastas, predominando na Idade do Ferro a utilização de atmosferas oxidantes quando do cozimento das mesmas.¹¹

⁹ *Ibidem*: 547-549.

¹⁰ *Ibidem*: 547.

¹¹ Maurício 2007; Maurício *et al.* 2009; Soares *et al.* 2009.

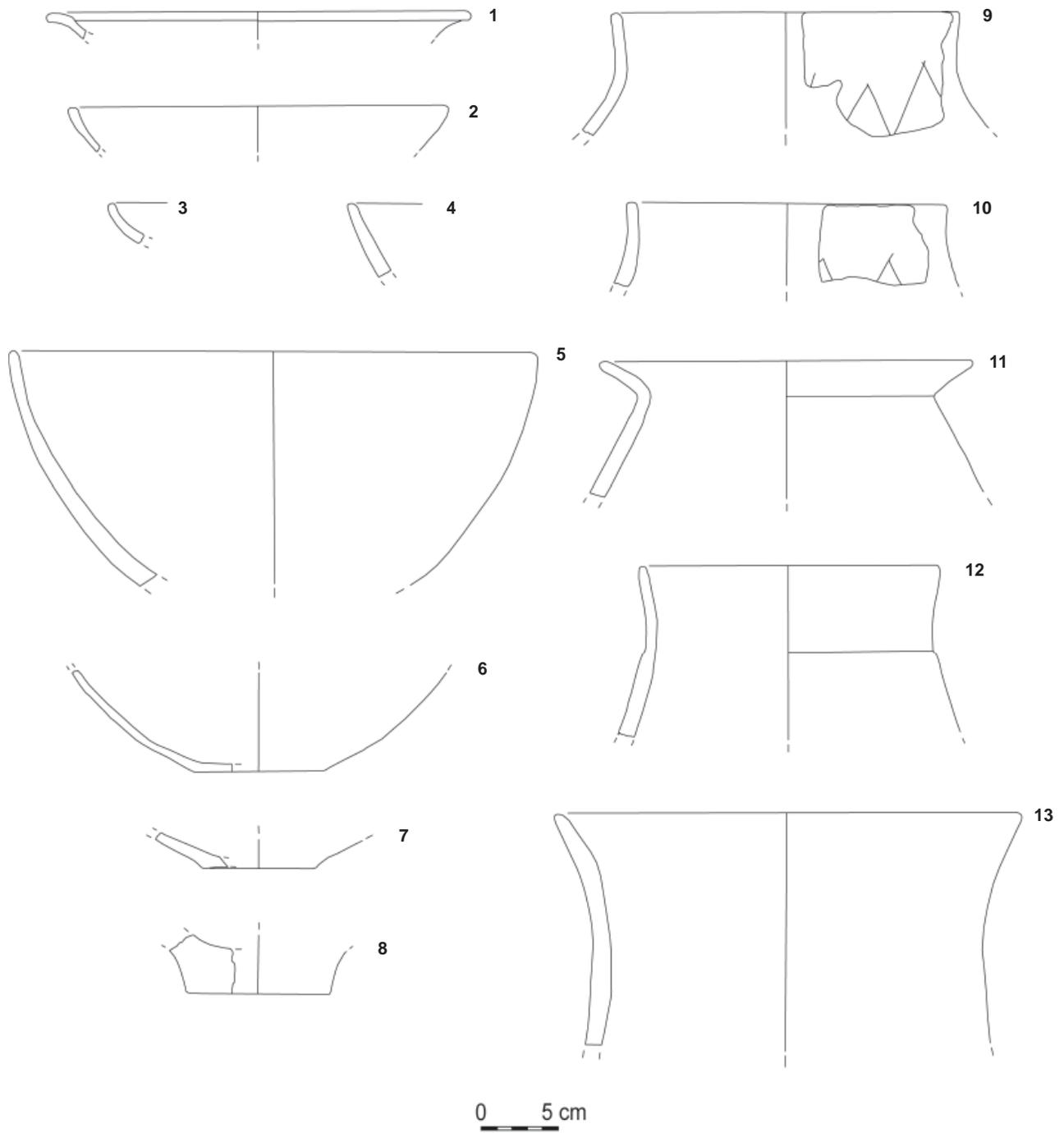


Fig. 6.— Passo Alto. Cerâmica manual.

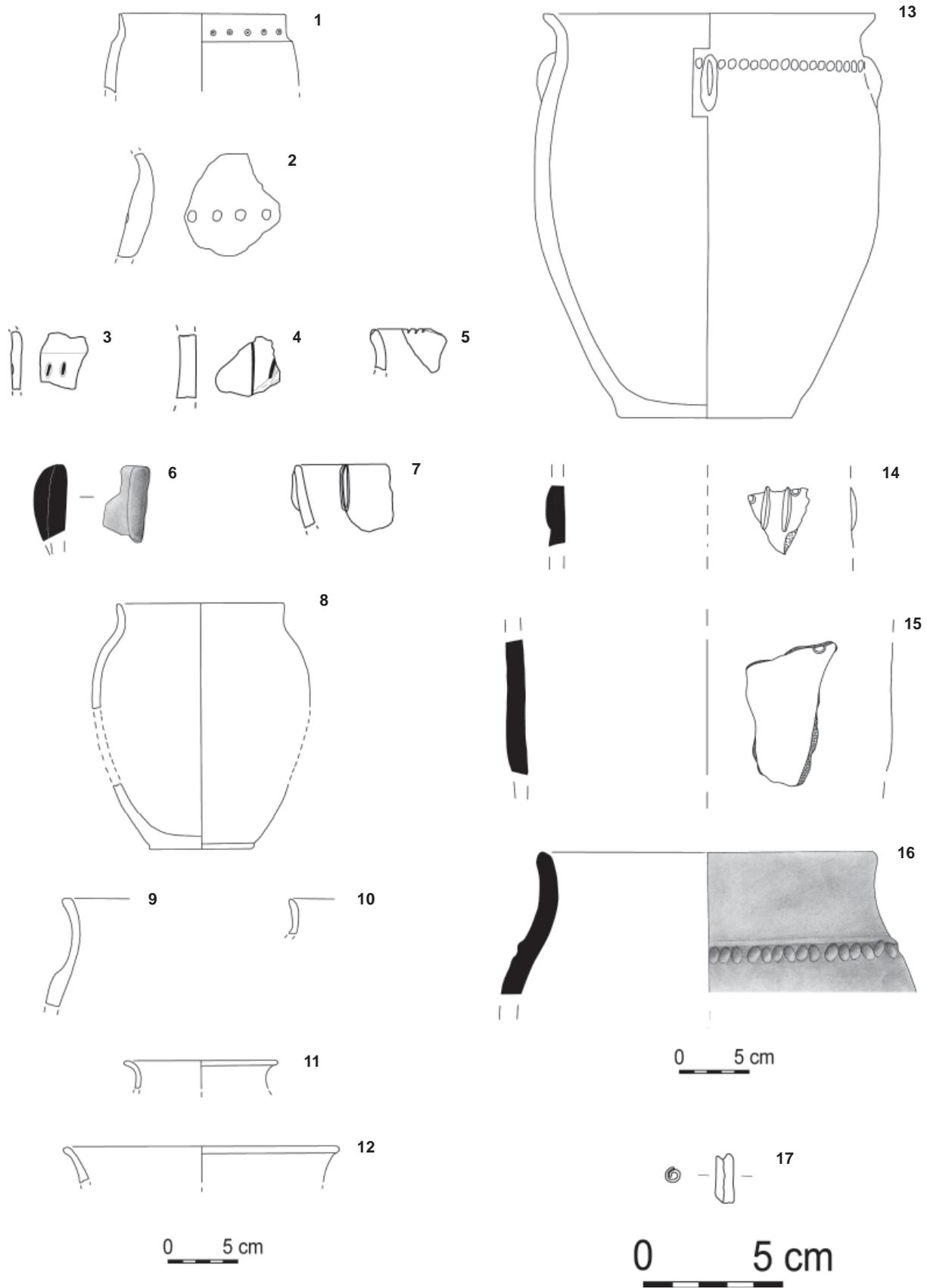


Fig. 7.— Passo Alto. Cerâmica manual e conta de chumbo (n.º 17).

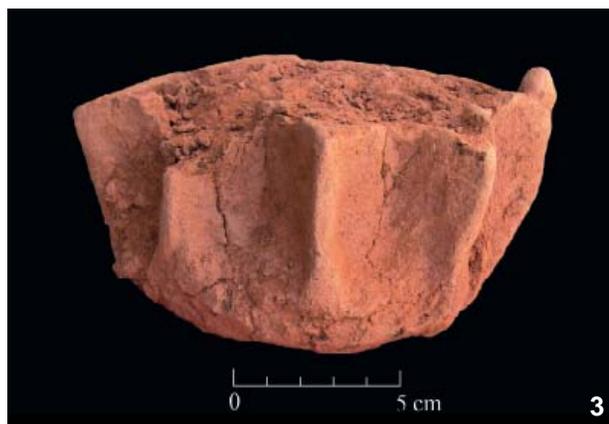


Fig. 8.— Passo Alto. Vaso com cinco bicos. 1. O vaso in situ; 2 – 3. Duas vistas do vaso; 4 Vaso com quatro bicos do Monte do Roncão II.

A cerâmica da Idade do Ferro divide-se em dois grupos quanto à sua tecnologia: por um lado, cerâmica manual, de cor predominantemente castanha ou castanha avermelhada e pasta friável ou muito friável, que se distingue da cerâmica manual do Bronze Final, cuja pasta é dura e pouco friável; e, por outro lado, cerâmicas feitas a torno, apresentando pastas muito bem depuradas. Na cerâmica manual marcam presença as taças lisas hemisféricas ou em calote esférica, sendo algumas de dimensões razoáveis e os recipientes de armazenagem de média dimensão, de perfil em S, decorados com dedadas no colo, junto ao bordo e com mamilos verticais, bem como decorados com incisões em V ou em zig-zag também junto ao bordo (Figs. 6 e 7).¹² A dispersão deste tipo de recipientes é muito vasta, encontrando-se quantitativamente bem representados na Andaluzia Ocidental, mas sendo igualmente recorrentes no Alentejo. De um modo geral, é uma produção que surge em meados-finais do século VIII e que desaparece em inícios do século V a.C. (altura em que é já residual), conhecendo um significativo auge no século VII a.C.¹³

¹² Soares *et al.* 2009.

¹³ Ladrón de Guevara 1994; Morena 2000: 52-53.

Finalmente, recolheu-se no Compartimento E, aparentemente inserido numa estrutura rectangular já muito destruída, um vaso inteiro de cerâmica manual com cinco bicos (Fig. 8), que poderá ter servido para a iluminação e que tem semelhanças morfológicas com uma peça proveniente do Monte do Roncão II (Fig. 8.4), em Reguengos de Monsaraz, datado da I Idade do Ferro.¹⁴ Sublinha-se, não obstante que, ainda que as semelhanças morfológicas sejam evidentes entre ambas as peças, é também notória a diferença de tamanho, sendo maior a do Monte Roncão II que a do Passo Alto, apresentado larguras de 40 cm (aproximadamente) e de 16 cm, respectivamente.

Na produção a torno destaca-se a cerâmica cinzenta, incluindo taças carenadas e hemisféricas, um recipiente de armazenagem e uma asa (Fig. 9), cujo estudo apontou para uma cronologia centrada no século VI a.C.¹⁵ Aproveitamos para rever o desenho da taça carenada n.º 2,¹⁶ cuja pequena dimensão do

¹⁴ Marques 2002: 150-151. Agradece-se a J. Marques e a C.R. Grilo a partilha de informação inédita sobre a peça do Monte do Roncão II.

¹⁵ Soares *et al.* 2009: 550ss.

¹⁶ *Ibidem*: fig. 15, n.º 2.

fragmento dificultou a orientação, embora isso não altere a classificação da peça.

Com o objectivo de ajustar a cronologia de um dos momentos mais antigos da ocupação sidérica do Passo Alto, ao qual está associada a maior parte da cerâmica cinzenta recolhida em escavação, foi datada pelo radiocarbono, através da técnica de AMS, uma amostra de carvão de oliveira/zambujeiro (*Olea europaea*) proveniente de uma camada, com uma espessura de cerca de 5 cm e que estava subjacente ao muro oeste do Compartimento A, cobrindo a rocha-virgem. Apenas nesta camada de sedimentos foram recolhidos os carvões de *Olea europaea* identificados no Passo Alto e nela foram registados artefactos cerâmicos predominantemente atribuíveis à Idade do Ferro, designadamente alguns fragmentos de cerâmica cinzenta (Fig. 9, n.º 2-4). A data obtida, Beta-261321 2590 ± 40 BP ($\delta^{13}\text{C} = -23,7\%$), leva a admitir uma contaminação desse contexto por restos da ocupação do Bronze Final ou a amostra estar associada à ocupação do Bronze Final ou, ainda, dado que a amostra datada não é de vida curta, poderá haver uma diferença de uma ou duas centenas de anos entre a idade da amostra e a idade do contexto onde ela se integrava. Isto significa que estaríamos perante o denominado "efeito da madeira antiga", o qual não é quantificável *a priori*.¹⁷

Assim, apenas com base no conjunto cerâmico, admite-se como muito provável uma cronologia do séc. VI a.C. para a ocupação sidérica do Passo Alto, que não se relaciona com a do Bronze Final, uma vez que esta não deverá ultrapassar o final do século VIII a.C. Note-se também que a ocupação sidérica do Passo Alto apenas se regista numa área muito restrita na encosta oeste da colina existente entre as ribeiras do Chança e do Vidigão, enquanto que a ocupação do Bronze Final, com o seu complexo sistema de defesa, abarca uma área muito mais vasta e que engloba aquela.

2. CASTELO DE SERPA

Distando aproximadamente 7 km do Guadiana, em cuja margem esquerda se localiza, e 8 km da foz da Ribeira de Enxoé (a norte) e do curso médio da Ribeira de Limas (a sul), ambos afluentes do Guadiana, o sítio arqueológico da Idade do Ferro que subjaz à atual cidade de Serpa implanta-se num território dominado pela peneplanície, da qual se

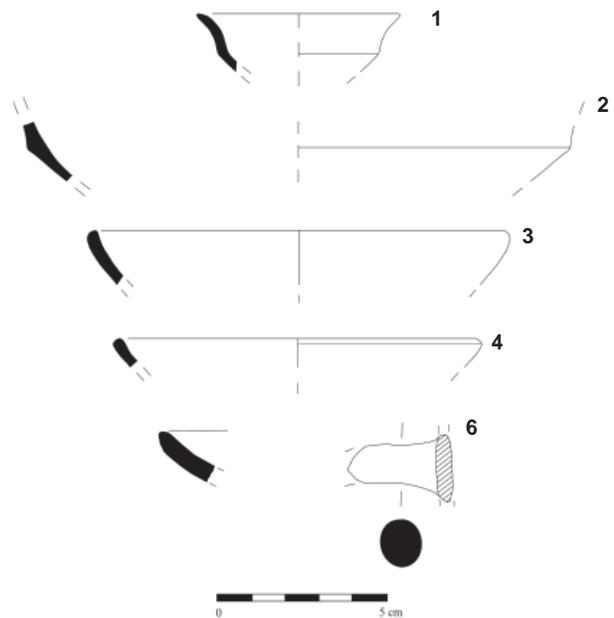


Fig. 9. — Passo Alto. Cerâmica cinzenta.

eleva ligeiramente, instalando-se num cabeço que permite uma excelente visibilidade para uma vasta envolvência, que é delimitada a norte e a este pelas serras de Portel-Mendro, Preguiça e Adiça e, a sul, pela Serra de Mértola, alcançando além de Beja a oeste (Fig. 10). O território envolvente, o "Campo de Serpa", caracteriza-se pela elevada aptidão agrícola dos solos e pela abundância de recursos hídricos, sendo marcado por diversas linhas de água secundárias.

No âmbito da requalificação e da ampliação do Museu Municipal de Arqueologia, promovidas pela Câmara Municipal de Serpa, uma das signatárias coordenou uma escavação arqueológica no imóvel da Rua da Barbacã n.ºs 29-33, que se norteou por uma intervenção em área, complementada por sondagens. Em quatro delas (I/I-A/I-C¹⁸ e III) identificou-se uma estratigrafia que recua à Idade do Ferro. Quase dois metros abaixo da actual cota de circulação da Rua da Barbacã, surgiu uma estrutura aparentemente linear, de secção em V, escavada no brando substrato geológico (gabrodiorito alterado), com uma orientação este-oeste, reconhecida em 8,09 m de comprimento (dos quais apenas foi possível escavar 2,48 m, uma vez que na restante área se lhe sobrepunham estruturas) (Figs. 11-15). Uma leitura mais completa desta estrutura obtém-se a partir da análise conjunta das

¹⁷ Soares *et al.* 2009: 548.

¹⁸ As sondagens I-A e I-C constituem alargamentos da Sondagem I, o que originou uma área de intervenção contínua.



Fig. 10.— Serpa e o território da sua envolvente a norte e nordeste (o “Campo de Serpa” e ao fundo, as Serras de Portel-Mendro-Adiça-Preguiça). A seta assinala o local da escavação arqueológica.

evidências das Sondagens I/I-A/I-C e III, que indicam que estaremos perante um fosso com canal de escoamento central. Apesar de nas sondagens I/I-A/I-C se registar um segmento de secção em V de ângulo mais fechado, com cerca de 1 m de profundidade e 1,13 m de largura máxima, (o qual na Sondagem III se localizará precisamente sob o eixo da muralha medieval), a acentuada inclinação do substrato geológico nas quatro sondagens e o seu aspecto regular, indiciando afeiçoamento, sugerem uma maior largura para esta estrutura negativa (Fig. 15.1). No canto norte da Sondagem III o substrato geológico apresenta-se mais aplanado do que na restante área, o que poderá indicar um limite para o topo desta estrutura negativa, que assim conhecerá uma profundidade global em torno aos 2 m e uma largura que, invocando parâmetros de simetria, superaria os 3 m¹⁹ (Fig. 15.2).

A morfologia e a possível dimensão do fosso de Serpa encontram paralelo regional no fosso do Castro dos Ratinhos (Moura), escavado na rocha, instalado ao longo da vertente norte do povoado, antecedendo a terceira linha de muralhas e que apresenta igualmente um canal central mais estreito

para o escoamento de águas. Este fosso foi construído no Bronze Final, mas continuou em uso na fase mais recuada do designado Ferro Antigo, enquadrado na primeira metade do século VIII a.C.²⁰

No Castelo de Serpa, na área escavada, não surgiram até à data quaisquer indícios de uma muralha anterior à islâmica. Uma evidência que sugere a possibilidade de existência de uma muralha pré-medieval é o acentuado desnível que se regista entre a Rua das Varandas e a Rua dos Farizes, o qual corresponderá grosso modo ao talude artificial representado por Duarte de Armas em 1509 sob o pano oeste da cerca urbana dionisina (Fig. 16) e que poderá denunciar a presença de estruturas anteriores.²¹ No local do talude referido (na Rua das Varandas), um dos signatários identificou contextos balizados entre os séculos IV e III a.C. num corte estratigráfico sob a muralha,²² tendo estes dados sido confirmados quando do acompanhamento arqueológico das obras de renovação de infraestruturas deste arruamento,²³ o que permite ponderar, à luz dos conhecimentos actuais, a possibilidade de

¹⁹ Antunes *et al.* 2012: 445.

²⁰ Berrocal-Rangel *et al.* 2012: 240.

²¹ Antunes *et al.* 2012: 445.

²² Braga e Soares 1981.

²³ Antunes 2005; Antunes *et al.* 2012: 446.

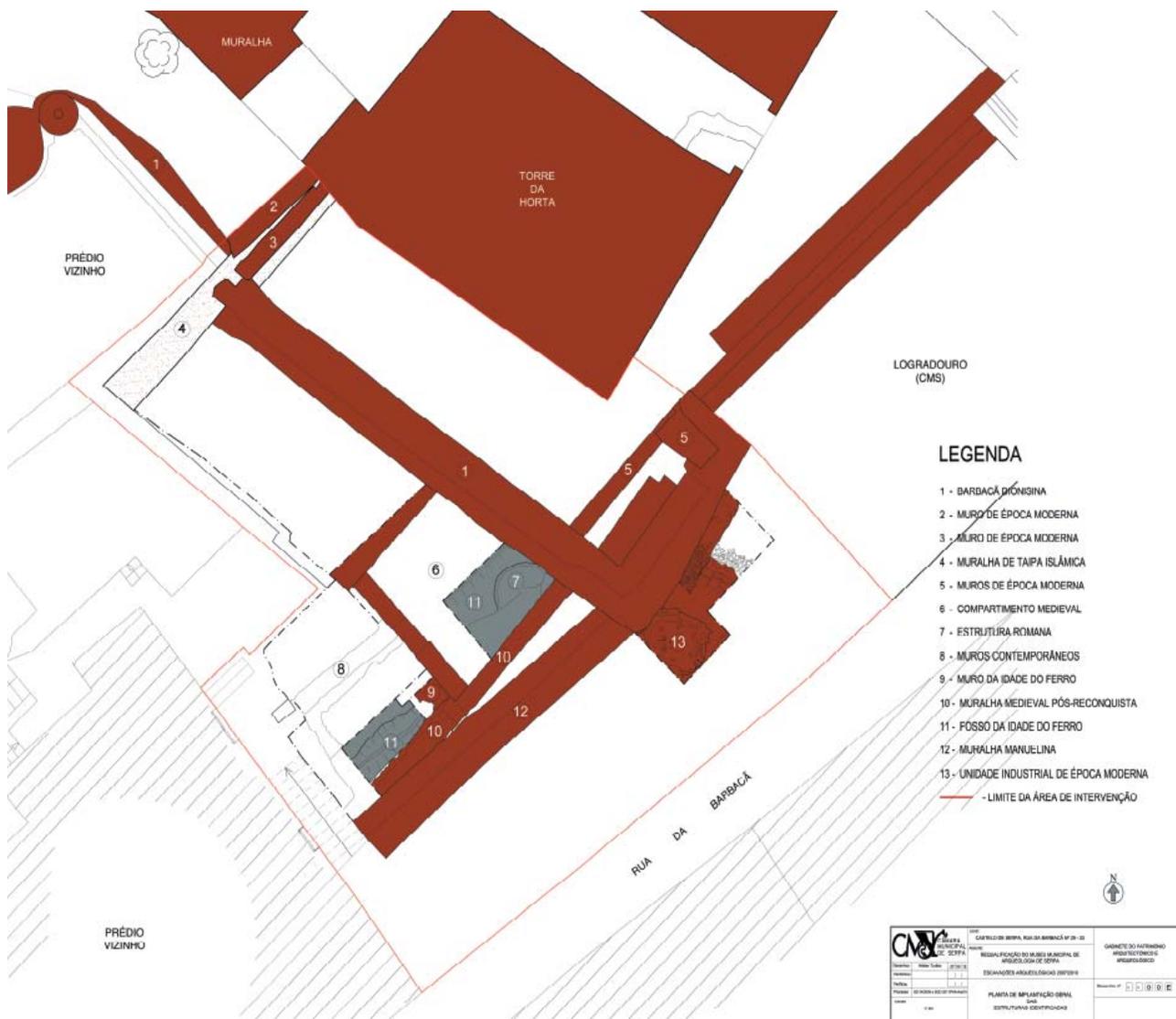


Fig. 11.— Castelo de Serpa. Escavação arqueológica na Rua da Barbacã 20-33. Planta geral das estruturas identificadas. A cinzento mais claro (n.º II), o fosso escavado no substrato geológico.

existência de contextos mais antigos subjacentes aos então observados.

Ao longo do limite superior (norte) do canal de escoamento do fosso registaram-se pequenos buracos de poste escavados na rocha (com um diâmetro e uma profundidade médios de 10 cm), três nas Sondagens I-IA (espaçados 0,60 m e 1 m entre si) e um na Sondagem III (Fig. 17). Estes elementos sugerem a existência de uma estrutura em material perecível (madeira provavelmente) apoiada sobre o fosso, indicando a estratigrafia que, em determinado momento, ambos estariam em funcionamento em simultâneo, tendo os buracos de poste sido preenchidos com alguns dos depósitos de colmatação do fosso, o que revela igualmente que a estrutura teria sido desmontada. Sobre a natureza desta estrutura apenas podemos especular, não sendo pos-

sível determinar se cobriria na íntegra ou em parte o fosso, nem a que altura se colocaria, podendo por exemplo constituir uma passagem.²⁴

O desmonte desta estrutura terá ocorrido quando da desativação do fosso. Nesta fase, o fosso foi intencionalmente colmatado, acumulando-se diversos depósitos no seu canal de escoamento, sobre os quais se colocou um volumoso depósito composto por sedimento argiloso beje-avermelhado, depurado e muito compactado (U.E. 366 das Sondagens I/I-A/I-C), o qual ocupava o que se considera constituir a restante altura do fosso, onde este era mais largo (Figs. 14 e 15), mas que apenas continha quatro exíguos fragmentos de bojo de cerâmica manual, não classificáveis. Já no depósito 720 (Sonda-

²⁴ Antunes *et al.* 2012: 446.



Fig. 12.— Sondagem IA (perfil oeste). Segmento inferior do fosso.



Fig. 13.— Sondagem III. Segmento superior do fosso.

gem III), que terá a mesma função que a U.E. 366, recolheu-se um fragmento de bojo de cerâmica de ornatos brunidos (Fig. 18) que corresponderá a um recipiente aberto (possivelmente uma taça hemisférica), com boa qualidade de fabrico e decoração de motivos geométricos brunidos em ambas as faces, aplicada sobre um engobe espesso e polido, de cor castanha. A decoração traduz-se em losangos definidos por várias linhas sequenciais, sendo o losango da face interna preenchido por linhas finas que se cruzam definindo uma quadriculagem (“retícula”).

Com base nos dados actuais, será plausível considerar o fragmento do Castelo de Serpa uma produção (eventualmente tardia) do Bronze Final, que não deverá ultrapassar o final do século VIII a.C., atendendo à cronologia do Bronze Final do Sudoeste.²⁵ Em intervenções anteriores realizadas no Castelo de Serpa foram recolhidos materiais da Idade do Bronze (em contextos secundários associados à construção da muralha dionisina)²⁶ cuja possibilidade de integração no Bronze Final não deve ser descartada, à luz dos dados actuais.

O conjunto artefactual dos contextos de colmatção do fosso subjacentes ao depósito 366 é bastante reduzido e é composto apenas por cerâmica, predominantemente manual, muito fragmentada, sendo escassos os elementos classificáveis. Destacam-se, pela aferição cronológica mais fina que permitem, as cerâmicas importadas, nomeadamente os dois fragmentos de ânfora de tipo R1/10.1.2.1

de Ramon Torres, produzida entre o segundo quartel/meados do século VII e meados do século VI a.C.,²⁷ sendo o bordo proveniente do depósito 539 e o bojo, que contem um grafito cruciforme inciso pós-cozedura, oriundo da U.E 539 (Fig. 21, n.º 1 e 2); e o fragmento de bordo de extremidade apontada de uma taça hemisférica de cozedura oxidante com engobe castanho claro polido, revestido de engobe vermelho muito sumido, que pode constituir uma banda pintada em ambas as superfícies (U.E. 528, Fig. 20, n.º 1). Taças hemisféricas de engobe vermelho com o bordo apontado incluem-se no Tipo II.A4 do Baixo Guadalquivir, com base no exemplar único de Tejada la Vieja, onde define o tipo C4.c (segunda metade do século VI a.C.).²⁸ Em Huelva, ocorrem no nível Ib de Botica 10-12 (terceiro quartel do século VI a.C.).²⁹ Admite-se como possível a integração desta peça na segunda metade do século VI a.C.

Não obstante a sua raridade, estas peças confirmam a inserção do povoado do Castelo de Serpa nos circuitos comerciais dos designados períodos Orientalizante e Pós-Orientalizante, revelando os intercâmbios com a Baixa Andaluzia. A confirmar-se a localização da *Sirpens* do período romano-republicano na actual cidade de Serpa,³⁰ será tentador considerar que a importante via do período roma-

²⁷ Ramón 1995: 231.

²⁸ Mancebo 1996: 356s.; Rufete 1897: 143 e 159, est. LXXVI, n.º 5.

²⁹ Rufete 2002: 37, n.º 11.

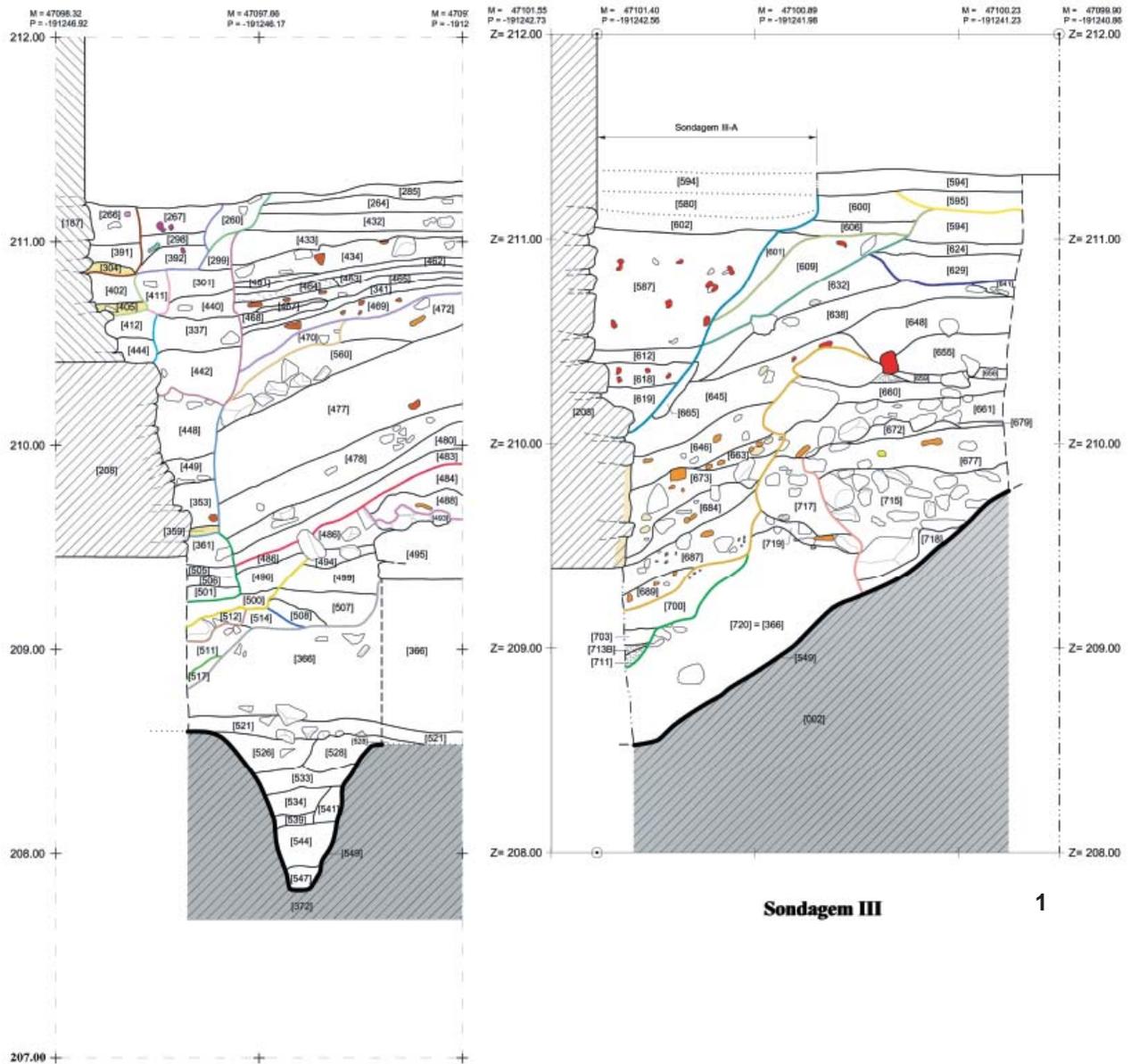
³⁰ Para uma síntese sobre esta problemática cf. e.g. Antunes et al. 2012: 447s.

²⁵ Mataloto et al. 2013.

²⁶ Soares e Braga 1986.



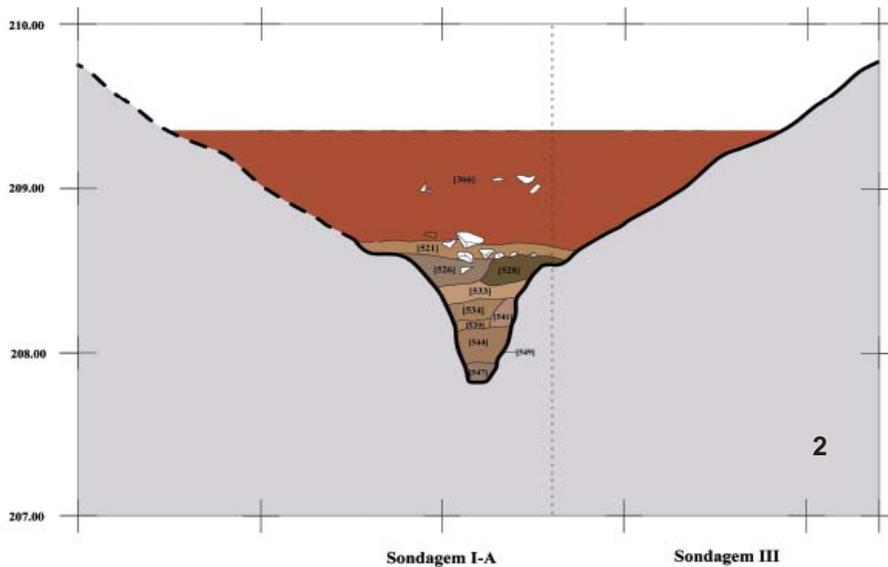
Fig. 14.— Castelo de Serpa. Sondagens I-IA-IC. Vista geral do fosso e do muro 367.



Sondagem I-A

Sondagem III

1



2

Fig. 15.— Castelo de Serpa. 1. Sondagens I-A e III (perfil oeste); 2. Proposta de reconstrução do perfil do fosso.

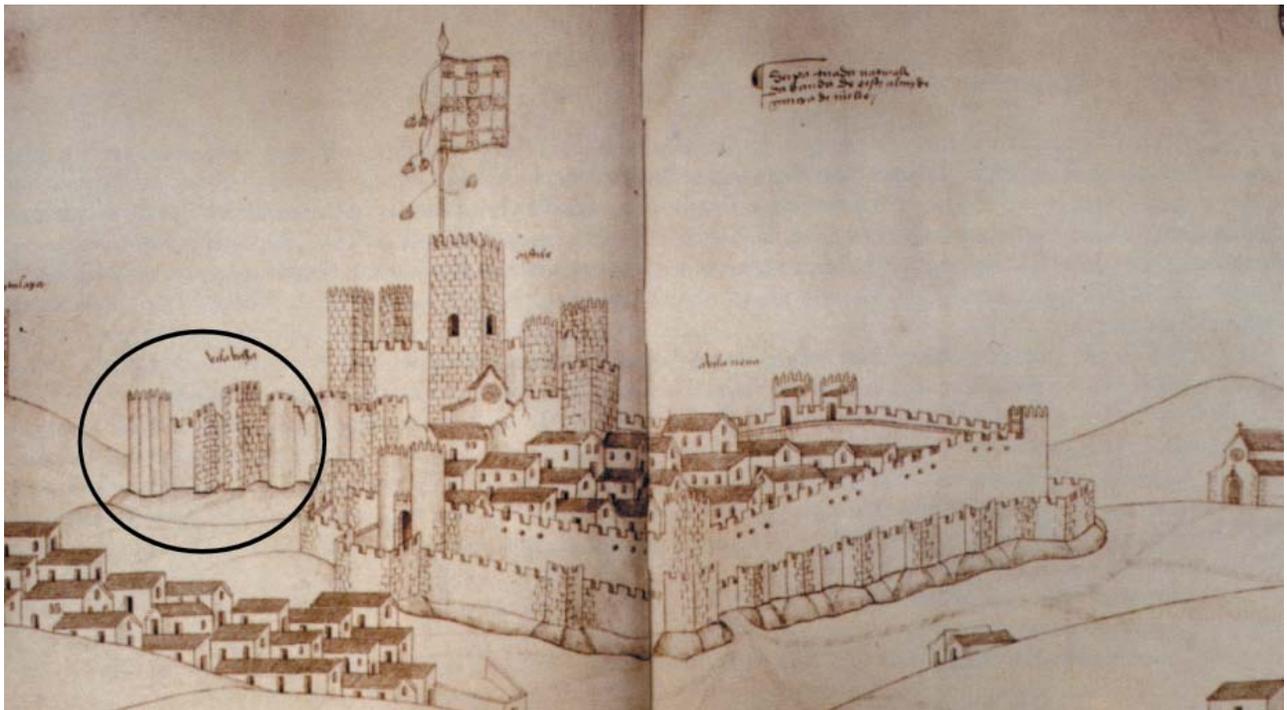


Fig. 16.— Castelo de Serpa.

Representação de Serpa por Duarte de Armas (1509), assinalando-se o talude sobre o qual atualmente se localiza a Rua das Varandas.

no que ligava *Pax Iulia* (Beja) a *Onuba* (Huelva) traduz a fixação e a consagração de percursos e de rotas anteriores, que remontam, pelo menos, à Idade do Bronze e que permanecem activos durante a Idade do Ferro.

No âmbito da produção local/regional, registam-se duas taças troncocónicas manuais de engobe castanho, de cozedura redutora e acabamento cuidado (U.E. 533 e 544, Fig. 20, n.º 4 e 5) e uma taça de perfil “em S”, aparentemente torneada, de cozedura redutora e com engobe castanho escuro acinzentado espesso polido (U.E. 532, Fig. 20, n.º 3), que evoca uma das formas de taças de cerâmica cinzenta do século VI a.C. de Castro Marim.³¹ Não é possível efectuar uma integração cronológica mais concreta das taças troncocónicas, uma vez que constituem uma das morfologias sidéricas mais comuns. Ocorrem ainda dois fragmentos de talha de bordo simples e esvasado, sendo um de fabrico manual, com superfícies rugosas (U.E. 533, Fig. 19, n.º 4) e o outro torneado, com um acabamento cuidado – engobe castanho espesso e alisado – (U.E. 534, Fig. 19, n.º 5). Este tipo de talhas regista-se entre os séculos VII e VI a.C. por exemplo no Cerro Manzanillo, no Alentejo Central, em Castro Marim (forma I.B da cerâmica manual) e na Andaluzia (tipo G.I de Ruiz Mata), embora

³¹ Arruda e Freitas 2008: 434, fig. 5, C.M.I 1008, n.º 14861.

possam ocorrer já no século VIII a.C. em Miguens 10 e perdurar pelo século V a.C. em Castro Marim.³² Um outro exemplar de talha, de fabrico manual, tem o colo vertical (U.E. 532, Fig. 19, n.º 3), sugerindo o menor diâmetro do bordo uma forma de inspiração anfórica, como uma das variantes da Forma C.I.a de La Mata³³ ou a Forma D.I do Cerro Manzanillo, que os autores consideram poder filiar-se nas “urnas Cruz del Negro”,³⁴ encontrando também paralelos no Alentejo Central (na Herdade da Sapatoa 3, no Espinhaço de Cão, no Gato e no Castelão das Nogueiras).³⁵ Parece constituir uma forma pouco comum possivelmente inspirada num protótipo exógeno. Regista-se ainda a presença de bojos de recipientes de armazenagem de grande e de média dimensão com tratamento das superfícies a *cepillado*, técnica que tem início no Bronze Final e que pode alcançar o início do século VI a.C. (no Cerro Manzanillo).³⁶ Constatam-se a ausência de re-

³² Calado *et al.* 2007: 142-143, n.º 2; 147 e 150-151; Calado e Mataloto 2008: 201, n.º 27; Mataloto 2004a: 93, 279, n.º 234, 285 e 322; Oliveira 2006: 29-31, 39-40 e est. 18 e *passim*; 2008; Rodríguez Díaz *et al.* 2009: 97, 101 e 124; Ruiz Mata 1995: 297.

³³ Rodríguez Díaz e Ortiz 2004: 230-231.

³⁴ Rodríguez Díaz *et al.* 2009: 104, 107 e 124.

³⁵ Calado e Mataloto 2008: 200-201, fig. 8, n.º 62; Calado *et al.* 2007: 157-158, fig. 33, n.º 4; Mataloto 2004a: 291, n.º 116.

³⁶ Rodríguez Díaz *et al.* 2009: 99.

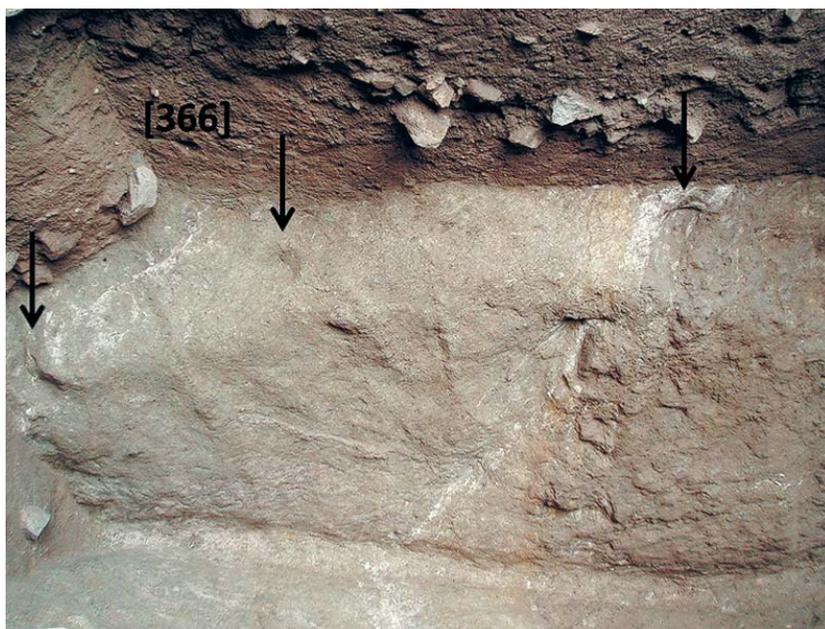


Fig. 17.— Castelo de Serpa. Fosso, buracos de poste e depósito de colmatção 366.

cupientes decorados com unguações, digitações e aplicações plásticas, frequentes em contextos da Idade do Ferro do Sul Peninsular³⁷ e bem representados regionalmente, por exemplo no Passo Alto,³⁸ em Salsa 3³⁹ ou em Torre Velha 3,⁴⁰ para citar casos mais próximos geograficamente. Não podemos todavia retirar conclusões expressivas deste facto, considerando a diminuta área escavada e a escassez da amostra artefactual recolhida.

Os depósitos de colmatção do fosso consistem num palimpsesto das ocupações anteriores ao momento da selagem desta estrutura negativa, sendo as apreciações de teor cronológico sobre os momentos da sua construção e vigência, bem como, por conseguinte, das ocupações mais antigas do sítio do Castelo de Serpa, necessariamente revestidas da maior cautela e devendo ser encaradas como hipóteses de trabalho que requerem validação com base em dados mais seguros oriundos de contextos primários que esperamos que se encontrem ainda preservados em áreas não intervencionadas até à data. Não é possível, em rigor, com os dados disponíveis, determinar quando foi construído o fosso, já que os depósitos que o preenchem traduzem a sua colmatção intencional, em lugar de momentos coevos da sua utilização, embora o paralelismo arquitectónico remeta para o Bronze Final. Considerando o intervalo cronológico dos materiais exumados

nos depósitos que selam esta estrutura negativa, o sítio do Castelo de Serpa terá estado ocupado no século VI a.C., não sendo todavia de descartar a hipótese, que se mantém em aberto, deste momento recuar à segunda metade do século VII a.C., atendendo ao intervalo de produção dos fragmentos de ânfora 10.1.2.1, nem de uma ocupação do Bronze Final, com base no fragmento de cerâmica de ornatos brunidos.

A selagem do fosso está associada a uma fase construtiva denunciada pela estrutura (possível muro) 358 (Sondagens I/I-C), implantado sobre o compacto depósito 366, que lhe serviu de alicerce (Fig. 21). Desconhecemos se se trata de uma fase de expansão urbanística ou apenas de uma reformulação funcional da área onde se localizava o fosso. O muro 367 terá possivelmente uma orientação norte-sul e está muito truncado, não tendo sobrevivido nenhuma evidência da sua fase de ocupação.



Fig. 18.— Castelo de Serpa. Fragmento de cerâmica de ornatos brunidos.

³⁷ Ladrón de Guevara 1994; Morena 2000.

³⁸ Soares *et al.* 2009.

³⁹ Deus *et al.* 2009; Antunes *et al.* neste volume.

⁴⁰ Estrela *et al.* 2012; Antunes *et al.* neste volume.

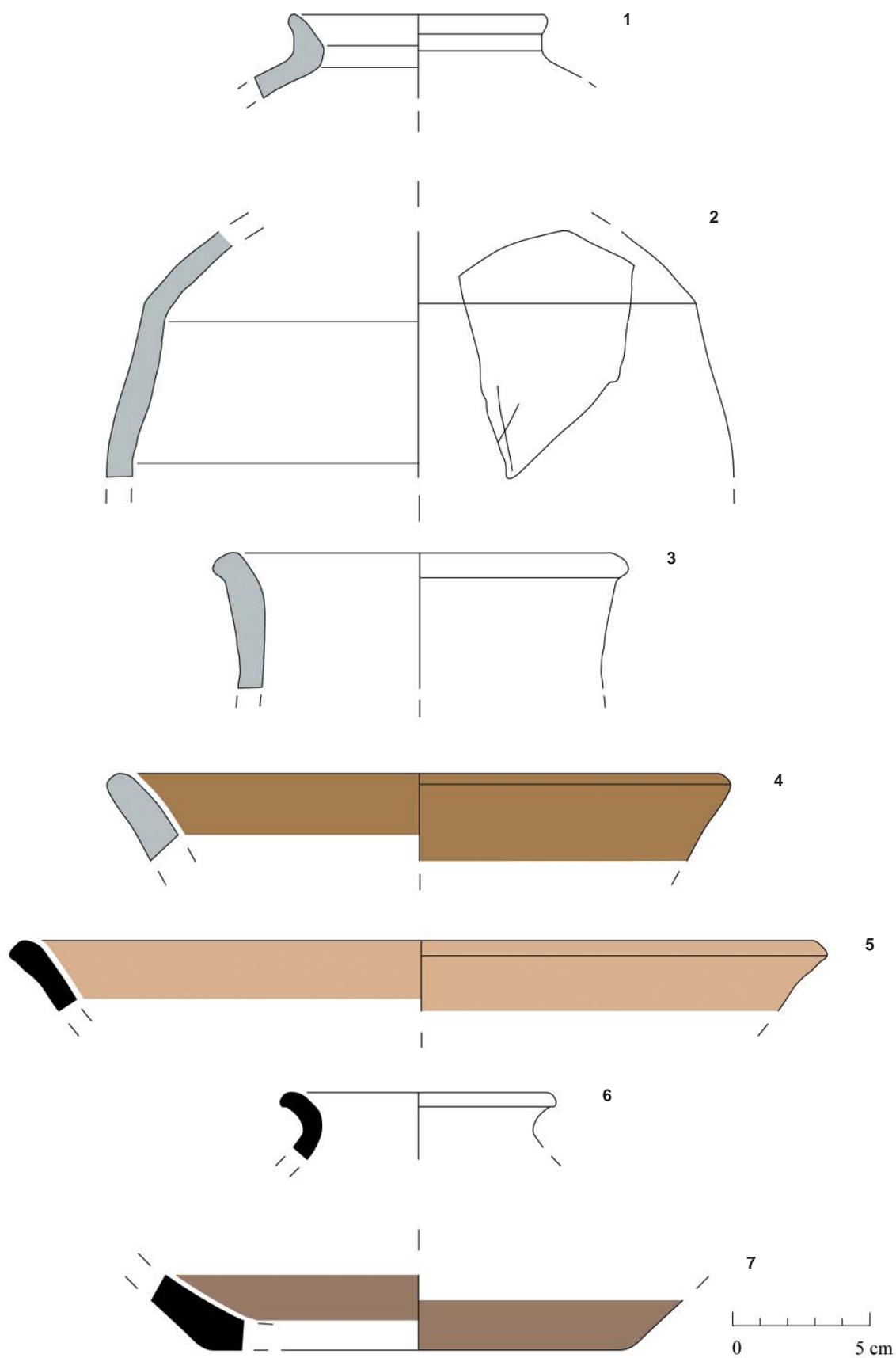


Fig. 19.— Castelo de Serpa. Formas fechadas.

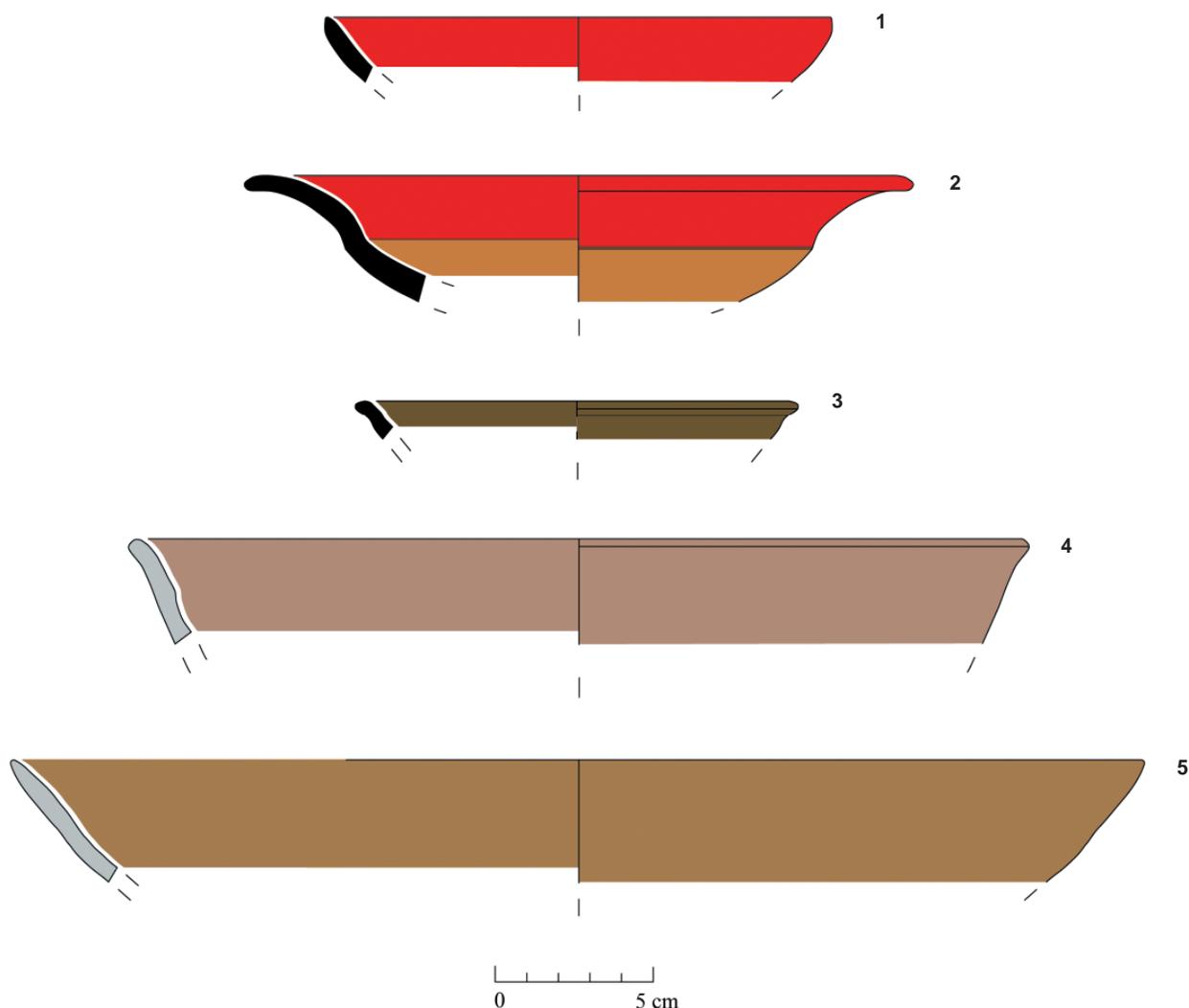


Fig. 20.— Castelo de Serpa. Formas abertas.

No depósito 358, que cobre a U.E. 366 e o muro 367 e que corresponderá a uma regularização do espaço após a desmontagem deste muro, recolheu-se um prato de perfil carenado, elaborado a torno, de cozedura oxidante, com engobe espesso alisado castanho claro, pintado com uma banda vermelha sobre o bordo, até à carena que o delimita do bojo, tanto interna como externamente (Fig. 20, n.º 2). Poderá considerar-se uma morfologia evoluída dos pratos com carena exterior de tipo P.3.d de Huelva, cuja produção começa no início do século VI a.C. e perdura pela centúria seguinte,⁴¹ enquadrando-se na Forma 3B da cerâmica de engobe vermelho da necrópole de Medellín (550-500 a.C.),⁴² na Forma D.5 das cerâmicas finas de cozedura oxidante de La Mata (finais do século VI e século V a.C.)⁴³

ou na forma 5 dos pratos orientalizantes do Cerro Macareno (meados-finais do século VI a.C., registando-se ainda nos inícios da centúria seguinte, na cerâmica pintada ou de engobe vermelho).⁴⁴ É uma forma transversal a diversas produções cerâmicas, reconhecendo-se por exemplo na cerâmica de cozedura oxidante da fase B de Cancho Roano (século V a.C.).⁴⁵ Admitimos cautelosamente uma integração entre meados do século VI a.C. e a segunda metade da centúria seguinte para este prato. No depósito 358 recolheram-se também dois fragmentos correspondentes a vasos torneados (Fig. 19, n.º 6-7). O bordo esvasado corresponde a uma forma comum em contextos do século V a.C., caso da Azougada,⁴⁶ na margem esquerda do Guadiana,

⁴¹ Rufete 1988-89: 12, 14, 16-18 e 20; 2002: 175.

⁴² Almagro-Gorbea *et al.* 2008: 596s.

⁴³ Rodríguez Díaz *et al.* 2009: 246.

⁴⁴ Pellicer *et al.* 1983: 151 (n.º 1128) e 200.

⁴⁵ Celestino 1996: 252 e 272, n.º 12.

⁴⁶ Antunes 2009a: 251-252 e 289-290.



Fig. 21.— Castelo de Serpa. Possível muro (367).

do Gato,⁴⁷ no Alentejo Central e de La Mata⁴⁸ e Cancho Roano,⁴⁹ na Estremadura espanhola, para citar alguns exemplos.

Se juntarmos a estes dados o facto de o intervalo cronológico associado aos materiais embalados nos depósitos de colmatação do fosso apontar para que a sua selagem já tivesse ocorrido no final do século VI a.C. ou no início da centúria seguinte, é plausível considerar que o muro 367 terá uma cronologia do século V a.C. A técnica construtiva do muro 367 é idêntica à do muro do Corte 3 da escavação arqueológica realizada na década de 80 por um de nós no interior do Castelo, entre a Torre da Horta e a Alcáçova, associado a contextos dos séculos IV e III a.C.⁵⁰ Apesar da aparente diferença cronológica dos muros referidos, dada a escassez e a fragilidade dos dados, consideramos prematuro por ora propor fases de construção distintas e avançarmos quaisquer conclusões relativas ao urbanismo dos diversos momentos da Idade do Ferro em Serpa.

Conhecem-se também vestígios da Idade do Ferro a oeste, no topo da elevação, na área do Restaurante Zens⁵¹ e a sul, na Ladeira do Amaral,

nomeadamente alguns cossoiros decorados,⁵² que embora aparentemente não sejam anteriores ao século IV a.C., permitem ponderar, em conjunto com os vestígios já referidos da Rua das Varandas que, na Idade do Ferro, o povoado de Serpa seria globalmente delimitado pela Rua dos Farizes a norte, pela Rua da Barbacã a sul e a este e pela Rua das Varandas a oeste, correspondendo ao promontório de cota mais elevada que aqueles arruamentos circundam, com cerca de 3 hectares, conforme foi já assinalado por um dos signatários.⁵³

3. DISCUSSÃO

A utilização do conceito de Orientalizante no título deste trabalho é conscientemente provocatória, inquiridora. O repto lançado nesta terceira edição dos Encontros *Sidereum Ana* pretende preencher o período de tempo que medeia as épocas retratadas nas anteriores edições – o Bronze Final e a Idade do Ferro Pós-Orientalizante. Ora, isso implica um horizonte cronológico situado entre as primeiras colónias fenícias na orla costeira ibérica e meados do século VI a.C., que vem sendo consagrado pela investigação como Período Orientalizante. Mas, com base nos dados actuais, podere-

⁴⁷ Calado *et al.* 2007: 158, fig. 33, n.º 185.

⁴⁸ Rodríguez Díaz e Ortiz 2004: 235 e 247, formas C.11.b e D.3.a/c.

⁴⁹ Celestino e Jiménez Ávila 1993: 188, n.º 2; 190, n.º 6; 192 e 201, n.º 3.

⁵⁰ Soares e Braga 1986.

⁵¹ Santos 2001.

⁵² Antunes *et al.* 2012: 446.

⁵³ Soares e Braga 1986.

mos efectivamente falar de um Período, ou mesmo de um fenómeno, ou até de uma influência Orientalizante no território de que nos ocupamos (e até no interior do Alentejo) nesta cronologia? E como abordar Tartessos, neste contexto e nesta dita periferia, que conheceu o seu próprio processo histórico e a sua individualidade cultural, mas que não teve o condão de ser evocada por fontes históricas que lhe conferissem protagonismo?

O conceito de Período Orientalizante adquire, no interior do Alentejo, um cariz meramente cronológico e estritamente vinculado à segmentação e categorização que a investigação tem vindo a definir para a Idade do Ferro peninsular,⁵⁴ não assumindo verdadeiramente a tónica cultural que se associa ao termo, nem revestindo um processo de aculturação das populações autóctones. De facto, à luz dos dados actuais, o que encontramos no interior do Baixo Alentejo, na margem esquerda do Guadiana, até ao final do século VIII a.C., é a perduração das tecnologias e das morfologias oleiras, metalúrgicas e construtivas e mesmo do modelo de povoamento e de ocupação do território do Bronze Final. A cultura mediterrânica, orientalizante, ou tartéssica, está presente apenas através de artefactos importados, que refletem a existência de eixos de circulação e de rotas comerciais entre o Alentejo interior e a Baixa Andaluzia, em particular, o litoral que se estende entre a baía gaditana e a bacia hidrográfica dos rios Tinto, Odiel e Guadalquivir.

Exemplos dessas importações em cronologias enquadradas por tradição no Período Orientalizante, com destaque para o século VII a.C. (sem que existam datações radiométricas que o confirmem), são o *pitbos* e a fíbula de dupla mola da Torre Velha 3,⁵⁵ as ânforas de tipo R1/10.1.2.1 do Castelo de Serpa (cuja presença aqui todavia não sabemos se pode recuar da primeira metade do século VI a.C.) e as urnas Cruz del Negro, as ânforas de tipos 10.1.1.1 e 10.1.2.1. e algumas cerâmicas de engobe vermelho de Mértola,⁵⁶ para além do *thymiaterion* de Safara (Moura)⁵⁷ e do touro de Mourão, já no Alentejo Central, que pertenceria também a um *thymiaterion*.⁵⁸

É também o caso dos vasos de engobe vermelho, dos potes de tipos 8 e 11 de Tiro e das ânforas

de tipos 7-10 de J. Ramon do Castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final ocupado desde o século XII a.C., onde foi identificado um edifício ortogonal de planta em “L”, segmentado modularmente, com bancos adossados às paredes revestidos de argila vermelha, à semelhança dos solos e dos alçados das paredes, que foi interpretado como um santuário de influência fenícia, de “tipo siríaco” ou *Langbau*, possivelmente dedicado ao culto de Asherá e de Baal. Os elementos artefactuais referidos são todavia escassos quando comparados com a vasta cultura material do Bronze Final, denotando-se ainda a ausência do uso do torno na produção local, da metalurgia do ferro,⁵⁹ bem como de influências orientalizantes na tecnologia do ouro⁶⁰ e do bronze.⁶¹ A atribuição cultural é justificada com base na arquitectura, advogando os autores a utilização de uma métrica semita na construção do edifício, nomeadamente o “codo de Ezequiel”, ou “codo fenício”, de 0,52 m, denunciando a existência de um projecto prévio e de um arquitecto com conhecimento específico do sistema usado, ainda que a mão-de-obra seja local, assinalando ainda o emprego de técnicas construtivas sem paralelo no Bronze Final regional, não só no santuário referido, como em dois edifícios de planta circular e na linha de muralha que circundava a “acrópole”, todos coevos. As datações radiométricas efectuadas permitiram situar esta fase de ocupação (1b) sensivelmente entre 830 e 760 a.C., ditando o seu fim a destruição do santuário por um incêndio. Os alicerces do santuário foram reaproveitados num novo edifício (fase 1a), erguido novamente segundo as técnicas construtivas do Bronze Final e no qual não se reconheceu já qualquer vocação sagrada. Esta última fase de ocupação foi pouco duradoura, tendo cessado em torno a 730 a.C.⁶²

O cenário de perduração do *modus vivendi* do Bronze Final em cronologias associadas ao Período Orientalizante, nas quais ocorrem algumas importações exógenas, é também testemunhado por exemplo no Alentejo Central. É o caso do escopro de ferro do povoado da Rocha do Vigio 2 (Reguengos de Monsaraz), peça isolada tanto entre os artefactos metálicos, que são de bronze, como da restante cultura material, que denuncia uma panóplia

⁵⁴ Veja-se uma sistematização deste assunto em Torres 2002: 30-37.

⁵⁵ Estrela *et al.* 2012: 251; Antunes *et al.* neste volume.

⁵⁶ *E.g.* Barros 2008.

⁵⁷ *E.g.* Vasconcelos 1924: 34s.; Jimenez Ávila 2002: 401 e 459, n.º 69.

⁵⁸ *E.g.* Correia 1986; Jiménez Ávila 2002: 405 e 466, n.º 82.

⁵⁹ Berrocal-Rangel e Silva 2010; Berrocal-Rangel *et al.* 2012; Prados 2010.

⁶⁰ Soares *et al.* 2010.

⁶¹ Valério *et al.* 2010; 2013: 447.

⁶² Berrocal-Rangel e Silva 2010; Berrocal-Rangel *et al.* 2012; Prados Martínez 2010; Soares e Martins 2010.

oleira enquadrada no Bronze Final regional, tal como acontece com a arquitectura, reflectida por duas cabanas de planta oval. A datação radiométrica obtida para a ocupação da última cabana aponta para um intervalo de tempo situado entre o final do século X e o início do século VIII a.C., espectro reduzido com base na aferição de paralelos para a cultura material para um período englobado entre os finais do século IX e a primeira metade / meados do século VIII a.C.⁶³

No Alto de São Gens (Redondo), povoado no qual se identificou apenas um nível de ocupação, enquadrado entre o século VII a.C. (porventura ainda na sua primeira metade) e o início da centúria seguinte, é o caso das ânforas de tipo R1 / 10.1.2.1 e possivelmente 10.1.1.1 de Ramón Torres, que coexistem com um conjunto cerâmico de tradição do Bronze Final regional (com destaque para as pequenas taças carenadas e os vasos e potes de média dimensão e para a presença de brunimento), com recipientes fechados com decoração digitada sobre o bojo e com recipientes de fabrico local/regional inspirados em produções forâneas, como os *pitboi* e as peças revestidas de engobe vermelho, algumas das quais são verdadeiros híbridos que reproduzem morfologias situadas entre as ânforas e os *pitboi*.⁶⁴

A presença de elementos exógenos, apesar de escassos, no povoamento do interior do Alentejo, tem tido uma preponderância na atribuição cultural dos sítios que deve ser matizada. Já na década de 90 do século passado a investigação se questionava se a cerâmica de ornatos brunidos terá continuado a utilizar-se (e a produzir-se) ao longo da I Idade do Ferro.⁶⁵ Ora, em muitos contextos que se têm considerado sidéricos pela presença de alguns elementos orientalizantes, a leitura deverá inverter-se, centrando-se actualmente a questão num fenómeno de perduração do Bronze Final e de inclusão de objectos forâneos em rotas de comércio tradicionais.

No que respeita aos sistemas construtivos, não há de momento indícios de que a adopção das plantas ortogonais ocorra antes do século VI a.C. no território que estudamos, à luz do exemplo do Passo Alto, tendo sido temporária e episódica a sua implementação no Castro dos Ratinhos.

Até ao final do século VII a.C., a dimensão do influxo orientalizante ou tartéssico na margem esquerda do Baixo Guadiana, e no interior do Alentejo

em geral, é portanto ténue e limitada aos circuitos comerciais. Apesar de, segundo os dados actuais, existirem colonos fenícios instalados em Huelva desde os finais do século X – inícios do século IX a.C.,⁶⁶ esses circuitos não foram utilizados na transmissão de uma influência que se tenha traduzido num processo de aculturação nestes territórios da denominada periferia tartéssica. Não só é escassa a cultura material orientalizante ou tartéssica em contextos dos séculos IX a VII a.C., como a eventual existência de um santuário de cariz oriental ou orientalizante no Castro dos Ratinhos na segunda metade do século IX – primeira metade do século VIII a.C. constitui aparentemente apenas um epifenómeno fugaz e sem continuidade imediata.

Só a partir de meados do século VI a.C., já no período que a investigação designa por Pós-Orientalizante, se detecta uma efectiva influência orientalizante ou, mais propriamente, tartéssica, na região, assimilada pela cultura material artefactual, ainda assim com um vincado cunho indígena, patente na reprodução e, sobretudo, na reinterpretação de formas e de tecnologias exógenas e pela arquitectura, mediante a adopção (no Passo Alto, no Castelo de Serpa, no Cabeço Redondo) de construções ortogonais e de modelos e de técnicas construtivas que, agora sim, denunciam a alteração do *modus vivendi* das comunidades, bem como as suas próprias crenças e rituais. É sintomático que seja a partir deste momento que, próximo do Castro dos Ratinhos, numa pequena e baixa elevação sobre a foz do rio Ardila, afluente do Guadiana, se instale a Azougada, com construções maioritariamente ortogonais, onde, a par de outras actividades, terá funcionado um santuário e onde estão reflectidas as influências orientalizantes, ou tartéssicas.⁶⁷ No século V a.C., o modelo arquitectónico dos edifícios singulares disseminados no Guadiana Médio no Pós-Orientalizante (com destaque para Cancho Roano ou La Mata), encontra-se presente na margem esquerda do Baixo Guadiana, no Cabeço Redondo.⁶⁸

Estaremos assim em face de um extenso Bronze Final e, consecutivamente, perante um Orientalizante que nunca existiu (adaptando a expressão aplicada a determinada Idade do Bronze andaluza há uns anos atrás)?⁶⁹ Existiu, mas aparentemente desfasado e apenas já de forma indirecta e reinter-

⁶³ Calado *et al.* 2007: 135-138; Calado e Mataloto 2008: 188-191; Mataloto 2012.

⁶⁴ Mataloto 2004b.

⁶⁵ Correia 1996.

⁶⁶ González de Canales *et al.* 2004.

⁶⁷ Antunes 2008, 2009a e 2009b.

⁶⁸ Soares 2012; Soares e Soares neste volume.

⁶⁹ Escacena 1995.

pretada pelas populações locais, a partir de meados do século VI a.C., sob a forma de Pós-Orientalizante, reconhecendo-se todavia a fragilidade de utilizar um conceito operatório que pressupõe que a realidade que engloba traduz a herança de um fenómeno pleno ao qual sucede (o Orientalizante), sem que este na verdade se constate de um modo abrangente e estruturante.

Em todo este processo, quer estruturando o povoamento, quer fixando eixos de circulação e de intercâmbio, o Guadiana, o “grande rio do sul”,

através dos tentáculos da sua bacia hidrográfica e dos territórios que a envolvem, foi em simultâneo palco e actor de um processo que se adivinha, por um lado tranquilo, na longa perduração das tradições do Bronze Final e, por outro, dinâmico, nas paulatinas mutações que os elementos exógenos, de origem mediterrânica, orientalizante e tartéssica, foram incutindo à primeira metade do I milénio a.C., constituindo dicotomias que geraram uma solução de síntese que reflecte, acima de tudo, a personalidade do substrato indígena regional.

Texto entregue em Março de 2013.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M., MEDEROS, A. e TORRES, M. (2008): “Cerámica de barniz rojo”. In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los ballazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 593-622.
- ANTUNES, A.S. (2005): *Requalificação Urbana e Funcional do Centro Histórico de Serpa. Acompanhamento arqueológico. Relatório Preliminar 2004-2005* (Relatório Inédito).
- ANTUNES, A.S. (2008): “‘Castro’ da Azougada (Moura, Portugal): percursos do Pós-Orientalizante no Baixo Guadiana”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA* XLVI. Mérida: 327-351.
- ANTUNES, A.S. (2009a): *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana. O Arqueólogo Português Suplemento* 5. Lisboa.
- ANTUNES, A.S. (2009b): “‘Castro’ da Azougada (Moura, Portugal): sacralidade e dinamismo comercial no Baixo Guadiana durante o Pós-Orientalizante”. In P. Mateos, S. Celestino, A. Pizzo e T. Tortosa (eds.): *Santuarios, oppida y ciudades: arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental. IV Simposio Internacional de Arqueología de Mérida*. Mérida: 131-152.
- ANTUNES, A.S., DEUS, M. DE, ESTRELA, S., LARRAZABAL, J., SOARES, A.M.M. e SALVADOR, R.M. (neste volume): “Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3: Contextos de Planície da I Idade do Ferro do Alentejo Interior”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta* 1. Mérida: 159-185.
- ANTUNES, A.S., GUERREIRO, A., CASTRO, A.N., FIALHO, L., MANTEIGA, M., VIEGAS, V. e BRAGA, J. (2012): “Serpa entre a Idade do Ferro e a Época Moderna. Breve leitura dos resultados das escavações arqueológicas realizadas no Castelo”. In M. de Deus (ed.): *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 441-464.
- ARMAS, D. DE (1509): *Livro das Fortalezas*. Lisboa.
- ARRUDA, A. e FREITAS, V.T. DE (2008): “O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V A.N.E.”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA* XLVI. Mérida: 429-446.
- BARROS, P. (2008): “Mértola durante os séculos VI e V a.C.”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA* XLVI. Mérida: 399-414.
- BERROCAL-RANGEL, L. e SILVA, A.C. (2010): *O Castelo dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007. O Arqueólogo Português Suplemento* 6. Lisboa.
- BERROCAL-RANGEL, L., SILVA, A.C. e PRADOS, F. (2012): “El Castro dos Ratinhos, un ejemplo de orientalización entre las jefaturas del Bronce Final del Suroeste”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspA* LXII. Mérida: 167-184.
- BRAGA, J.M.R. e SOARES, A.M.M. (1981): “Indícios de uma ocupação da Segunda Idade do Ferro no Castelo de Serpa”. *Arqueologia* 4: 116-123.

- CALADO, M. e MATALOTO, R. (2008): "O Post-Orientalizante da margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo Central)". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA XLVI*. Mérida: 185-217.
- CALADO, M., MATALOTO, R. e ROCHA, A. (2007): "Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal)". In A. Rodríguez Díaz e I. Pavón (eds.): *Arqueología de la Tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular. VI Cursos Internacionales de la Universidad de Extremadura*. Cáceres: 129-180.
- CELESTINO, S. ed. (1996): *El palacio-santuario de Cancho Roano. V-VI-VII. Los sectores Oeste, Sur y Este*. Badajoz.
- CELESTINO, S. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1993): *El palacio-santuario de Cancho Ruano IV. El Sector Norte*. Badajoz.
- CORREIA, V.H. (1986): "Um bronze tartéssico inédito: o touro de Mourão". *Trabalhos de Arqueologia do Sul* 1: 33-48.
- CORREIA, V.H. (1996): "Os povoados da 1ª Idade do Ferro do Sul de Portugal". *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a.C.* (Catálogo da exposição) Lisboa: 82-87.
- DEUS, M. DE, ANTUNES, A.S. e SOARES, A.M.M. (2009): "A SaLsa 3 no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste (Serpa)". In J.A. Pérez Macías e E. Romero (eds.): *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 514-543.
- DEUS, M., ANTUNES, A.S. e SOARES, A.M.M. (2012): "Santa Margarida I (Serpa) no contexto do Bronze Final do Sudoeste". In M. de Deus (ed.): *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 171-188.
- DÍAZ-MARTÍNEZ, E., SOARES, A.M.M., KRESTEN, P. e GLAZOVSKAYA, L. (2005): "Evidence for wall vitrification at the Late Bronze Age settlement of Passo Alto (Vila Verde de Ficalho, Serpa, Portugal)". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 151-161.
- ESCACENA, J.L. (1995): "La etapa precolonial de Tartessos. Reflexiones sobre el 'Bronce' que nunca existió". *Actas del Congreso conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular. Tartessos 25 años después. 1968-1993. Biblioteca de Urbanismo y Cultura* 14. Jerez de la Frontera: 179-214.
- ESTRELA, S., COSTEIRA, C., ALVES C., PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2012): "Torre Velha 3 (Serpa): um novo ponto no mapa da Idade do Ferro do Sudoeste". In M. de Deus (ed.): *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 235-268.
- FARIA, A.M. e SOARES, A.M.M. (1998): "Uma inscrição em caracteres do SW proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja)". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1: 153-160.
- GAMITO, T.J. (1990-92): "A cerâmica de retícula brunida do Castro dos Ratinhos (Moura)". *O Arqueólogo Português* (série IV) 8-10: 277-297.
- GONZÁLEZ DE CANALES, F., SERRANO, L. e LLOMPART, J. (2004): *El emporio fenicio precolonial de Huelva*. Madrid.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002): *La toréutica orientalizante en la Península Ibérica*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 16. Madrid.
- LADRÓN DE GUEVARA, I. (1994): *Aportaciones al estudio de la cerámica con impresiones digitales en Andalucía*. Cádiz.
- MANCEBO, J. (1996): "La cerámica de barniz o engobe rojo de la cuenca baja del Guadalquivir". *Tabona* IX: 353-378.
- MARQUES, J.A. (2002): "Panorâmica dos trabalhos arqueológicos efectuados no Bloco 14: Medieval/Moderno, Bacia do Degebe e Reguengos de Monsaraz a Sul do Álamo". *Al-Madan* (II série) 11: 145-151.
- MATALOTO, R. (2004a): *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no 1.º Milénio a.C. do Alentejo Central*. *Trabalhos de Arqueologia* 37. Lisboa.
- MATALOTO, R. (2004b): "Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da serra d'Ossa". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (2): 139-173.
- MATALOTO, R. (2005): "Em busca do Mediterrâneo: a Idade do Ferro no Alentejo Central (Portugal)". In S. Celestino e J. Jiménez Ávila (eds.): *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV*, vol. II. Mérida: 955-966.
- MATALOTO, R. (2008): "O Post-Orientalizante que nunca foi. Uma comunidade camponesa na Herdade da Sapatoa". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA XLVI*. Mérida: 219-249.
- MATALOTO, R. (2012): "Os senhores e as serras: o final da Idade do Bronze no Alentejo Central". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspA LXII*. Mérida: 185-213.

- MATALOTO, R., MARTINS, J.M.M. e SOARES, A.M.M. (2013): "Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste". In J.L. Cardoso (ed.): *Homenagem a Carlos Ribeiro. Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20. Oeiras: 303-338.
- MAURÍCIO, C.A.S. (2007): *Análise Textural, Mineralógica e Química de Cerâmicas Arqueológicas – Estudos de Proveniência* (Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa).
- MAURÍCIO, C.A.S., SOARES, A.M.M., LIMA, A., CO-ROADADO, J., DEUS, M. DE e ANTUNES, A.S. (2009): "Caracterização química, mineralógica e textural das cerâmicas do Bronze Final do Sudoeste provenientes do Passo Alto e da Salsa 3 (Serpa, Baixo Alentejo, Portugal)". In J.A. Pérez Macías e E. Romero (eds.): *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 576-591.
- MORENA, J.A. (2000): *Las cerámicas tartésicas con decoración incisa y digitada del Monte Horquera (Nueva Carteya, Córdoba)*. Córdoba.
- OLIVEIRA, C.F.P.P. DE (2006): *A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim (séculos IX a III a.n.e.)* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa).
- OLIVEIRA, C.F.P.P. DE (2008): "Produção e consumo de cerâmica manual no Castelo de Castro Marim nos séculos VI e V a.n.e.". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA XLVI*. Mérida: 447-467.
- PELLICER, M., ESCACENA, J.L. e BENDALA, M. (1983): *El Cerro Macareno*. Excavaciones Arqueológicas en España 124. Madrid.
- PRADOS, F. (2010): "La arquitectura sagrada: Un santuario del siglo IX a.C." In L. Berrocal-Rangel e A.C. Silva: *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007. O Arqueólogo Português Suplemento* 6. Lisboa: 259-276.
- QUEIRÓZ, P.F. (2009): *Estudo arqueobotânico no povoado fortificado do Passo Alto, Serpa*. Terra Scenica – Território Antigo Relatórios 5. Lisboa.
- RAMON, J. (1995): *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Barcelona.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e ORTIZ, P. (2004): "'La Mata', un edificio organizado". In A. Rodríguez Díaz (ed.): *El edificio protohistórico de "La Mata" (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: 75-313.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A., PAVÓN, I., DUQUE, D.M., DOMÍNGUEZ GARCÍA, A., GIRÓN, M. e CRIADO, A. (2009): "El asentamiento". In A. Rodríguez Díaz, D. Duque e I. Pavón (eds.): *El caserío de Cerro Manzanillo (Villar de Rena, Badajoz) y la colonización agraria orientalizante en el Guadiana Medio. Memorias de Arqueología Extremeña* 12. Mérida: 31-138.
- RUFETE, P. (1987): "Las cerámicas con engobe rojo de Tejada". In J. Fernandez Jurado (coord.): *Tejada la Vieja: una ciudad protohistórica. Huelva Arqueológica* IX. Huelva: 141-150.
- RUFETE, P. (1988-1989): "Las cerámicas con engobe rojo de Huelva". In J. Fernandez Jurado: *Tartessos y Huelva. Huelva Arqueológica*. X-XI, vol. III. Huelva: 11-40.
- RUFETE, P. (2002): *El final de Tartessos y el Período Turdetano en Huelva*. Huelva Arqueológica 17. Huelva.
- RUIZ MATA, D. (1995): "Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico". *Tartessos. 25 años después. 1968-1995. Biblioteca de Urbanismo y Cultura* 14. Jerez de la Frontera: 265-314.
- SOARES, A.M.M. (2003): "O Passo Alto: uma fortificação única do Bronze Final do Sudoeste". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 6 (2): 293-312.
- SOARES, A.M.M. (2005): "Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 111-145.
- SOARES, A.M.M. (2007): "Cavalos-de-Frisa e Murallas Vitrificadas no Bronze Final do Sudoeste. Paralelos Europeus". *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 15: 155-182.
- SOARES, A.M.M., ANTUNES, A.S. e DEUS, M. DE (2012): "O Passo Alto no contexto dos povoados fortificados do Bronze Final do Sudoeste". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspA LXII*. Mérida: 249-276.
- SOARES, A.M.M., ANTUNES, A.S., QUEIRÓZ, P., DEUS, M. DE, SOARES, R.M. e VALÉRIO, P. (2009): "A ocupação sidérica do Passo Alto (V.V. de Ficalho, Serpa)". In J.A. Pérez Macías e E. Romero (eds.): *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 544-575.
- SOARES, A.M.M. e BRAGA, J.R. (1986): "Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa". *I.º Encontro de Arqueologia da Região de Beja. Arquivo de Beja* (2.ª série) III: 167-198.
- SOARES, A.M.M. e MARTINS, J.M.M. (2010): "A cronologia absoluta para o Castelo dos Ratinhos".

- Datas de Radiocarbono". In L. Berrocal-Rangel e A.C. Silva: *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007. O Arqueólogo Português Suplemento 6*. Lisboa: 409-414.
- SOARES, A.M.M., VALÉRIO, P., SILVA, R.J.C., ALVES, L.C. e ARAÚJO, M.F. (2010): "Early Iron Age gold buttons from South-Western Iberian Peninsula. Identification of a gold metallurgical workshop". *Trabajos de Prehistoria* 67 (2): 501-510.
- SOARES, R.M. (2012): *O Cabeço Redondo. Um edifício da Idade do Ferro Pós-Orientalizante na Herdade do Metum (Moura)* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa).
- SOARES, R.M. e SOARES, A.M.M. (neste volume): "O Cabeço Redondo (Moura). Um edifício monumental e singular na margem esquerda do Guadiana". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta 1*. Mérida: 421-441.
- TORRES, M. (2002): *Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 14. Madrid.
- VALÉRIO, P., SILVA, R.J.C., SOARES, A.M.M., ARAÚJO, M.F., FERNANDES, F.M.B., SILVA, A.C. e BERROCAL-RANGEL, L. (2010): "Technological continuity in Early Iron Age bronze metallurgy at the South-Western Iberian Peninsula – a sight from Castro dos Ratinhos". *Journal of Archaeological Science* 37: 1811-1819.
- VALÉRIO, P., SOARES, A.M.M., SILVA, R.J.C., ARAÚJO, M.F., REBELO, P., NETO, N., SANTOS, R. e FONTES, T. (2013): "Bronze production in Southwestern Iberian Peninsula: the Late Bronze Age metallurgical workshop from Entre Águas 5 (Portugal)". *Journal of Archaeological Science* 40: 439-451.
- VASCONCELLOS, J.L. DE (1924): "Figuras de bronze antigas do Museu Ethnológico Português. Toiro de bronze de Safara". *O Arqueólogo Português* 26: 19-42.

